



PUC  
RIO

ESTUDO SOBRE PSICOTERAPIA DE VELHOS

- Uma fenomenologia da velhice -

por

VLADIA DE CARVALHO WEYNE

Tese de Mestrado

Departamento de Psicologia

1975

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO


ESTUDO SOBRE PSICOTERAPIA DE VELHOS

- Uma fenomenologia da velhice -

por

Vlãdia de Carvalho Weyne

Tese submetida como requisito parcial para a  
obtenção do grau de MESTRE EM PSICOLOGIA

  
Assinatura do Orientador

Janeiro de 1975

77 997



+V

114284

BC

150

W549

TESE UC

BT 34687

RC

ERRATA

No Capítulo 2 - FUNDAMENTAÇÃO o ítem 2.7. - O enfo  
que fenomenológico passa a figurar da pag. 28a. à  
pag. 28d.

## AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Psicologia da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio de Janeiro, pe  
lo apoio e estímulo recebidos.

A meus pais, pela convivência de amor.

A:

Ângela Podkameni

Antonio de Pádua L. de Oliveira

Eliseu Maia

Helio Pellegrino

Ivan Ribeiro

Katrin Kemper

Monique Augras

Wilson de Lyra Chebabi,

que contribuíram de várias maneiras para a  
realização deste trabalho. Uns informando  
e assistindo diretamente, outros, mais indi  
retamente, que vêm nos acompanhando e ensi  
nando com seu trabalho e pela dimensão huma  
na de suas vidas. A todos, pela compreen  
são, carinho e amizade.

## SUMÁRIO

O objetivo deste trabalho é a colocação da problemática psicológica da velhice.

Em sua primeira parte procura estudar o problema situando-o no âmbito da civilização ocidental em seu desenvolvimento desde o aparecimento do chamado milagre grego até a era tecnológica em que nos encontramos.

Com isto, busca relacionar as dificuldades psicológicas dos velhos com os fatores históricos e sociais, destacando, na atualidade, a marginalização dos mais velhos como resultado de uma organização econômica que dispensa a colaboração dos que atingem a mais de 45 anos.

Por outro lado, observa que a "onda jovem" criada em função de ampliar um mercado consumidor para objetos que interessam à juventude, acabou por transformar-se em arma contra os mais idosos, como diz a canção: "não confio em ninguém de mais de 30 anos".

Contudo, as condições higiênicas e as descobertas da medicina, a par de um levantamento geral de nível econômico das populações fazem com que o crescimento relativo e absoluto do número de velhos venha a colocar a problemática da velhice na ordem do dia.

Os distúrbios psicológicos da velhice devem ser tratados levando-se em conta toda esta problemática, sem que possa ser esquecida a vertiginosa transformação dos costumes morais e das normas de conduta do mundo moderno, grande fonte de perplexidade para as gerações mais antigas.

Considera-se neste trabalho que a contribuição da psicanálise é fundamental para o tratamento dos problemas psicológicos da velhice, muito embora Freud tivesse colocado dúvidas sobre a possibilidade de se conseguir resultados positivos no tratamento de pessoas maiores de 40 anos.

Isto fornece aos estudiosos da problemática psico-

lógica dos velhos uma liberdade maior para aplicar princípios e teorias colhidas em várias escolas derivadas da psicanálise. E será através do próprio trabalho clínico e das observações empíricas que se poderá, talvez, chegar a um corpo doutrinário sólido, baseado na experiência.

O trabalho procura demonstrar que o núcleo da problemática psicológica dos velhos é o ressentimento, forma pela qual se apresenta o ódio contra aqueles que os pacientes idosos consideram responsáveis pelas suas dificuldades e frustrações.

É, finalmente, apresentado material colhido na prática clínica de atendimento de velhos com problemas psicológicos, em abono da hipótese levantada.

Trata-se, portanto, de uma tentativa de contribuir, de alguma forma, para o estudo e desenvolvimento da psicoterapia da velhice.

## SUMMARY

The main purpose of this work is to pose the psychological problems of old age.

The first part tries to study the problem by placing it in the context of the development of western civilization since the emergence of the so-called Greek miracle until the technological era of today.

By means of this approach, a relationship between the psychological difficulties of the aged and historical and social factors is sought; emphasis is put on the present marginalization of the aged, as a result of the economic organization which throws away the collaboration of those over 45 years.

On the other hand, it points out that the "young fashion" created with the purpose of enlarging the consumer market for appealing objects for the youth turned out to be a weapon against the aged, as the song says: "I don't trust anybody over 30".

However, hygienic conditions and medical discoveries, together with a general increase of the economic level of the population makes the relative and absolute increase of the number of old people become an ever present problem.

Psychological disturbances of old age should be treated taking into account all these problems; also, one should not forget the vertiginous transformation of moral values and patterns of behavior in the modern world, a big source of perplexity for the older generations.

The contribution of psychoanalysis is regarded as fundamental for the treatment of psychological problems of old age, although Freud had had doubts about the possibility of obtaining positive results with the treatment of people over 40.

This gives those who study the psychological problems



of the aged more freedom to apply principles and theories from several schools derived from psychoanalysis. Perhaps - through clinical practice itself and through empirical observations it will be possible to form a sound body of knowledge based on experience.

This work tries to show that resentment is the basis of the psychological problems of the aged, through which hatred is directed against those the aged patients regard as responsible for their difficulties and frustrations.

Finally, some material derived from clinical practice is presented, in which the work with old patients having psychological problems supports the hypothesis.

It is thus an effort to contribute, in some way, to the study and development of psychotherapy in old age.

## ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO	1
1.1. - Conceito de velhice	2
2 - FUNDAMENTAÇÃO	6
2.1. - O problema	6
2.2. - Seus aspectos históricos	7
2.3. - Os velhos nas artes	12
2.4. - Aspectos clínicos	15
2.5. - Aspectos psicológicos	18
2.6. - O enfoque psicanalítico	21
2.7. - O enfoque fenomenológico	28a
3 - O TRATAMENTO PSICOLÓGICO DOS VELHOS	
3.1. - Contribuição ao tratamento psicológico dos velhos	29
3.2. - Observações no trabalho de atendimento	29
3.2.1. - O que pode ser atribuído a <u>fa</u> tores etários	29
3.2.2. - O que pode ser atribuído a <u>fa</u> tores clínicos	30
3.2.3. - O que pode ser atribuído a <u>fa</u> tores sociológicos	30
3.2.4. - O que pode ser atribuído a <u>fa</u> tores históricos	31
3.2.5. - O que pode ser atribuído a <u>fa</u> tores psicológicos	32
3.3. - Em que deve constituir o tratamento psicológico dos velhos	33
3.3.1. - A posição familiar	35

3.3.2. - Por um novo relacionamento	37
3.3.3. - Por uma nova integração	40
3.4. - O núcleo da problemática psicológica dos velhos	41
3.4.1 - A elaboração do ódio	44
3.5. - A reconstrução em outro nível	49
4 - CONCLUSÕES	58
5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

## 1 - INTRODUÇÃO

Será a velhice um problema especificamente ocidental?

Em certo sentido, sim.

Expliquemos melhor. A velhice, como fenômeno fisiológico, como uma etapa da vida do ser humano, esta é logicamente, universal. Mas a que nos estamos referindo é à velhice como problema.

Quando nos referimos ao Ocidente, esta palavra não quer significar um aspecto geográfico ou tão pouco a banda geopolítica de uma divisão de influências entre super-potências. Para nós, o Ocidente é um tipo de civilização, uma série de conceitos culturais, um sistema de pensamento.

Parece que foi um fortuita combinação de fatores geográficos, econômicos, tecnológicos e culturais que, em certo momento da história do mundo, produziu aquilo que se vem denominando até hoje como "o milagre grego". Fatores geográficos que permitiram o desenvolvimento de uma navegação comercial, fatores econômicos que se criaram com essa empresa comercial, fatores tecnológicos com o então recente aparecimento da metalurgia do ferro e fatores culturais com o intercâmbio de conhecimentos entre as Ilhas Gregas do Oriente e as civilizações do norte da África e da Ásia Menor.

Os valores surgidos dessa nova civilização, a primeira aparecida na Europa, ainda hoje servem de parâmetro aos usos, costumes e ideais do mundo ocidental.

E é no sistema de valores ainda predominantes, derivados de uma antiga sociedade escravocrata que exaltava, acima de tudo, a perfeição das formas, a beleza ideal e ia aos extremos de eliminar os fisicamente imperfeitos, que hoje se insere a problemática dos velhos.

O sistema de valores do Ocidente tem levado ainda mais longe certos aspectos da herança recolhida da Grécia. E,

na atualidade, com a criação da chamada sociedade de consumo, alguns desses valores têm alcançado formas paroxísticas.

A exaltação do que é jovem em função de criar um mercado consumidor entre rapazes e moças; o aproveitamento das formas femininas nuas e, agora, até as masculinas, impostas como valores absolutos, para ajudar a publicidade a vender todos os tipos de mercadoria, desde cigarros até alimentos; tudo, enfim, que constitui o que se denominou de onda jovem, são elementos que servem para aprofundar, ainda mais, o fosso já existente entre as gerações.

Atônitos com a aceleração cada vez mais intensa do processo histórico, com as transformações que se produzem nos costumes, com a substituição rápida de ideais e preceitos que pareciam eternos, os velhos assistem, atualmente, ao desmoronamento de seus universos particulares.

É por isso que, neste momento, mais do que em qualquer outro da história, o problema da velhice se apresenta como um desafio aos que podem pensar sobre o assunto.

Para os que lidam com o problema na clínica diária, os que têm, como matéria prima do seu trabalho, o sofrimento dos velhos, o desejo de ajudá-los se transforma num dever.

Um desejo de ajudar a resgatar a velhice, de arrancá-la do limbo para a luz do sol, de valorizá-la como uma etapa da existência, tão vital quanto as outras. Não para que eles elaborem a idéia da morte, mas para que se reconciliem com a vida.

Tal é o propósito do nosso trabalho.

### 1.1 - Conceito de velhice

O Conde H. de Keyserling, filósofo que andou em grande moda até a década de 30, diz em seu livro "Figuras Simbólicas": Cada um tem, independentemente dos anos, uma idade essencial que lhe é própria. Em qualquer tempo, alguns tiveram sempre quarenta ou sessenta anos, enquanto outros perma-

necem perpetuamente jovens".

Este conceito de tempo assumido, de idade psicológica, talvez nos seja de maior valia em nosso conceito de velhice do que, propriamente, a idade cronológica e as observações clínicas dos gerontologistas.

De qualquer forma, não é possível ignorar os sinais objetivos da decadência orgânica que, segundo um esquema proposto por Louis-Lucien Heller em seu "As idades do homem" obedecem ao seguinte processo: Retardamento da corrente sanguínea e da nutrição - Esclerose, Queratose, Osteoporose, etc. - Perda de peso - Envelhecimento de todos os órgãos - Perda das faculdades adaptativas - Queda do potencial da sexualidade.

Mas, para nós, o que nos interessa é saber até que ponto as dificuldades psicológicas da velhice estão ligadas diretamente a esse processo biológico e quais são devidas a outros motivos, senão totalmente independentes, pelo menos paralelos àqueles que seriam próprios da idade.

Harry Guntrip propõe como causa da neurose o resultado "de nossas lutas para defendermo-nos contra as nossas "fraquezas", como indivíduos isolados que defrontam as pressões esmagadoras de um meio complexo, depois de termos sido primeiro abalados por uma infância perturbada".(1)

Alfred Adler e Jean-Paul Sartre coincidem em considerar que é da maior importância para o indivíduo o seu "objetivo"; o "seu plano de vida", o "projeto fundamental" de cada homem.

O homem construiria sua vida mediante um plano, um projeto e todos os seus esforços se dirigiriam no sentido de preencher os objetivos desse plano. As próprias dificuldades psicológicas se originariam das dificuldades encontradas em si mesmo para construir esse objetivo vital.

Naturalmente, a escolha desse plano estaria ligado

(1) "A Cura da Mente Enferma" - Harry Guntrip - Trad. Alvaro Cabral - Zahar Editores-Rio de Janeiro-1967.

a todos os anseios e dificuldades dos primeiros anos de vida, da infância, quando a personalidade se forma. As perturbações atravessadas na infância constituiriam o núcleo da neurose, em face das "pressões esmagadoras de um meio complexo;" na busca da construção do "projeto fundamental".

Com a idade, o homem se voltaria para o passado e faria um balanço dos resultados de sua luta pelos seus "objetivos". Os problemas da velhice se instalariam na frustração desses esforços para alcançar ou construir o "seu plano de vida".

O conceito psicológico de velhice seria a de quem já não olha para a frente, já não realiza o mesmo esforço no sentido de uma construção, de um objetivo a alcançar. O olhar se volta para trás, realiza um balanço, mede os lucros e perdas e se encoleriza se os resultados foram decepcionantes, dirige seu ódio para aqueles que o decepcionaram.

A velhice seria, portanto, a idade do ressentimento, seja qual for o número de anos do paciente em que tal sentimento se instala.

O velho seria aquele que não conseguiu construir satisfatoriamente o seu plano de vida, no momento em que se dá conta disto e instala a sua neurose sobre o ressentimento.

Esta é, obviamente, a nossa hipótese de trabalho, a nossa aproximação da problemática dos distúrbios psicológicos da velhice.

Na verdade, objetivamente, as pessoas ficarão velhas, apresentarão sempre os sinais exteriores da idade avançada, perecerão e terminarão sua estada na terra, sejam quais forem os seus sentimentos interiores.

Mas não caberá propriamente o nome de velho a personalidades que continuam construindo o seu projeto de vida com intensidade. Personalidades como a de Alceu de Amoroso Lima, Winston Churchill, Pablo Casals, Charles Chaplin, Picasso, Stravinski, Katrin Kemper, Bernard Shaw ou Bertrand

Russel. São personalidades que desafiaram o tempo e que assumiram aparentemente a eternidade.



## 2 - FUNDAMENTAÇÃO

### 2.1 - O problema

O problema da velhice não deveria ter um aspecto especial. O caso é que sempre se ouviu falar no problema da criança, no problema da puberdade, da adolescência, da juventude, etc., etc. Desde que isolada e submetida a determinado tipo de análise, qualquer idade do ser humano é problemática ou, pelo menos, tem seus problemas típicos.

Atualmente, dois fatores têm feito com que o problema da velhice se destaque entre os das outras idades. O primeiro é que a velhice tem sido e continua sendo objeto de escárnio, de anedotário de fundo sexual e o seu tratamento sempre foi envolto em ilusões, utopias, charlatanismo e crença. Desde o pacto firmado entre o Dr. Fausto e Mefistófeles até os tratamentos contra o envelhecimento através do Yougurt, recomendado por Metchnikoff; do transplante de glândulas de macaco, segundo Voronof; do apicure, da água oxigenada ou do Gerovital da Dra. Aslan, quase sempre o que se persegue é o miraculoso elixir da longa vida. Como o mais recente tratamento, o da Dra. Ana Aslan parece ter uma base científica defensável: o seu Gerovital H3 é um dos fatores da recolocação do problema da velhice em primeiro plano. O segundo fator é histórico e sociológico. Com as transformações ocorridas no mundo, nos últimos 100 anos, a problemática da velhice tende a tornar-se mais aguda, por sua vez devido a dois fatores: 1º - O aumento da média de vida, conquistado através de profilaxia das doenças endêmicas, do aprimoramento da alimentação e das descobertas da medicina. Dessa forma, há um número sempre crescente de velhos existindo no mundo. 2º - O aparecimento de teorias tendentes a demonstrar que o futuro da humanidade repousa no papel sempre crescente que a juventude possa exercer nos negócios humanos. Marcuse é o profeta principal dessa crença.

A gerontologia, termo que designa o estudo da velhice, parece recente. Tanto que o "Pequeno Dicionário Bra-

sileiro da Língua Portuguesa" - 9ª edição, revista por Aurélio Buarque de Hollanda, datada de 1951, ainda não registra o verbete. Pelo menos, se havia a especialidade, o seu nome ainda não merecia registro nesse dicionário conceituado no Brasil em sua categoria.

De alguns anos para cá, entretanto, o problema começa a ser dimensionado em outra escala, seja devido à própria pressão do número, em face do crescimento da quantidade de velhos em termos relativos e absolutos, seja porque a organização da sociedade industrial, tendendo a marginalizar cada vez mais as pessoas idosas, tenha despertado a atenção para o assunto de observadores atentos e que têm instrumental e prestígio suficiente para ressaltá-lo.

É o caso, por exemplo, de Simone de Beauvoir, que depois de agitar a problemática da mulher no seu celebrado livro "O segundo sexo", publicou ultimamente "A velhice - A realidade incômoda" com o qual procura levantar e expor quase que exaustivamente o problema do velho no mundo atual.

A esse trabalho da escritora francesa vamos nos reportar seguidamente neste nosso estudo e desejamos desde já consignar aqui o quanto nos foi útil a consulta desse livro, em várias ocasiões.

O problema existe, é atual e tende a crescer e se tornar mais agudo se não se modificarem determinadas condições que atualmente contribuem para isso.

## 2.2. - Seus aspectos históricos

Simone de Beauvoir, em seu livro queixa-se da precariedade documental sobre a velhice na história escrita. De fato, assim acontece. Mas dos fragmentos em que se pode encontrar o registro da atividade dos velhos nas sociedades antigas, talvez se consiga retirar algumas observações capazes de iluminar o problema da velhice através da história, o que tentaremos resumir no final deste ítem.

Se é precário o registro do que se refere à velhice em documentos históricos, mais difícil ainda se torna especular sobre o papel do velho na pré-história.

Os dados incluídos por Raymond Lantier em seu livro "A vida pré-histórica" ajudam a aclarar o assunto: entre 180 indivíduos pertencentes às categorias Homens de Neanderthal, Paleolítico Superior e Mesolíticos, mais de um terço morreu antes dos 20 anos. A grande maioria dos demais entre vinte e quarenta anos. Apenas dezesseis morreram entre 40 e 50 anos e os 3 restantes, embora tivessem ultrapassado os 50, não chegaram a se tornar anciãos. (1)

Na sociedade de povos caçadores primitivos, o indivíduo que conseguisse ultrapassar determinada idade parece ter desempenhado papel destacado. É o que se pode deduzir da observação de sociedades semelhantes, nossas contemporâneas. Entre os índios brasileiros, conforme Luiz Amaral em seu "As Américas antes dos europeus", pág. 444, "Pagé era comumente um velho". Por sua vez, segundo Júlio Cezar Melatti em "Índios do Brasil", na tribo Ramkokamekra, só entra para o Conselho da tribo quem tem mais de 50 anos. (2)

Com o advento das civilizações agrárias e pastoris, as condições de vida melhoraram substancialmente e a expectativa de sobrevida deve ter sido bastante acrescida. Cresceu, também, em importância, a participação dos velhos.

É um especialista da categoria de Sir James George Frazer quem nota: "De este modo, y en la medida en que la profesion pública de mago influyé sobre la constituición de la sociedad salvaje, tendió a entregar las riendas de los negocios públicos em manos del hombre más hábil e trasladó en poder de muchos a uno solo, substituyendo por la monarquía u

(1) "A Vida Pré-Histórica - Raymond Lantier - Tradução Mary Amazonas Leite de Barros - Difusão Européia do Livro - 1958 - São Paulo. Página 163.

(2) Júlio Cezar Melatti - "Índios do Brasil" - Página 109 - Coordenada Editora de Brasília Ltda. Brasília-1970 .

na gerontocracia, o mejor aún una oligarquia de ancianos, pues en general la sociedad salvaje no es gobernada por el conjunto de las personas adultas (democracia), sino por el consejo de los mayores." (1)

Isto parece demonstrar que conselhos de anciãos precederam à monarquia entre os povos primitivos.

Entre os hebreus, os anciãos aparecem cercados do maior respeito. Tais são os patriarcas como Abraão, Noé, Matusalém, Moisés que conduziu seu povo até morrer de velhice e Job, que depois de experimentado por Jeová, viveu até os 140 anos. Entre os provérbios do Rei Salomão se lêem: "Os cabelos brancos são uma coroa de honra". "Levantar-te-ás di ante dos cabelos brancos e honrarás a pessoa do velho". (2)

Na China, entretanto, é que a veneração da velhice parece ter atingido o seu ponto culminante. Já Lao-Tsé (604/517 A.C.) fixa em 60 anos a idade em que o homem é capaz de libertar-se do seu corpo e tornar-se um santo.

E na China moderna testemunha Lin Yutang: "As pessoas de idade madura, esperam, na verdade, com impaciência, a época em que poderão comemorar o 51º aniversário; no caso do comerciante ou funcionário de alta posição, chega-se a celebrar o 41º aniversário com grande pompa. Mas o 51º aniversário, isto é, o marco do meio século, é ocasião de regozijo para a gente de todas as classes. O 61º é data maior e mais feliz que o 51º e mais ainda o 71º, e o homem que pode comemorar o seu 81º aniversário é olhado já como pessoa especialmente favorecida pelo Céu". (3)

- (1) "La Rama Dorada" - pag. 73 - Fondo de Cultura Economica México - 1956.
- (2) Livro dos Provérbios de Salomão - Bíblia Sagrada - Sociedade Bíblica - 1939 - Rio.
- (3) Lin Yutang - "A Importância de Viver" - Editora Globo-Porto Alegre - 1963.

Coube a Licurgo, segundo Plutarco, introduzir em Esparta o Conselho dos Anciãos. (1) Will Durant acrescenta:- "normalmente, os cidadãos de menos de sessenta anos eram considerados por demais imaturos para a deliberação senatorial". (2)

O Senado Romano parece ter seguido a mesma tradição quanto à idade dos seus componentes, embora não tão rigidamente.

Tais pompas legislativas, entretanto, não distinguem pessoas pela sua avançada idade mas, principalmente, pela sua posição social. Como bem acentua Simone de Beauvoir: "Deve ter havido, como em todas as sociedades, um contraste radical entre o destino dos velhos pertencentes à elite e o dos plebeus". (3)

A situação dos velhos na antiguidade parece-nos possível resumir nas seguintes observações:

I - Na pré-história o homem não parece ter ultrapassado os 50 anos.

II - Nas sociedades de povos caçadores, onde devem ter tido início os ritos mágicos, os velhos podem ter desempenhado papel proeminente como mágicos, feiticeiros ou membros do conselho da tribo.

III - Nas primeiras civilizações de origem agrícola e pastoral, embora não exista documentação escrita que a isso se referisse, é provável que as pessoas idosas conservassem de alguma forma uma posição de respeito como "conselheiros" experientes.

(1) Jaime Pinsky - 100 Textos de História Antiga - Página 68  
Editora HUCITEC - São Paulo - 1972.

(2) Will Durant - História da Civilização - 2ª Parte - Cia.  
Editora Nacional - São Paulo - 1943.

(3) Obra citada, pág. 126.

IV - Os anciãos reaparecem com destaque na tradição judáica bíblica, na China e na Grécia Arcáica.

V - Na Grécia clássica e em Roma, a proeminência dos mais velhos é mais devido à posição social que ocupam do que a qualquer outro fator.

O fim do mundo clássico foi marcado por acontecimentos catastróficos. A "pax" romana desabou pela ação de causas múltiplas, principalmente pelo esgotamento do sistema escravagista que demandava um crescente fornecimento de mão de obra escrava através de guerras e de conquistas.

Estalavam revoltas de escravos no centro do Império e, na periferia, povos chamados bárbaros iniciavam sua marcha em busca de melhores terras e de riquezas dos povos sedentários.

Foi numa das províncias do Império que apareceu uma nova religião que refletia a situação do mundo vigente e protestava contra sua crueldade. Religião de escravos, não pela sua origem, mas porque, pela primeira vez na história, reconhecia no escravo um ser humano.

Foram espíritos ilustres, como Paulo de Tarso e outros, que colaboraram para a consolidação da nova doutrina, que é uma amálgama da tradição religiosa judáica, do estoicismo, do platonismo e de certos cultos populares como o de Dionísios, envoltos em cerimoniais do mitraísmo e dos cultos solares egípcios.

Com a Idade Média, o Ocidente cai na desordem e no caos. O mundo torna-se um campo de batalha. Para a guerra exige-se mocidade. Os velhos foram afastados da vida pública e o único refúgio para os pacíficos eram os silenciosos monastérios católicos.

As guerras, as baixas condições de higiene e de alimentação e todos os fatores negativos reunidos nesse período fizeram com que a média da vida humana decrescesse para menos de 30 anos. A velhice era quase uma impossibilidade his

tórica.

Somente a partir da Renascença, na Itália, é que a figura do velho voltou a aparecer. Os doges de Veneza, em geral, eram de idade avançada. Mas, ainda no século XVII; na França, a média de vida oscilava entre 20 e 25 anos. Tal situação, com pequenas variações, parece ter sido universal e ter durado até, pelo menos, o início do século XIX. Com a Revolução Industrial um surto demográfico se fez sentir. A população europeia, que era de 187 milhões no início do século, passou para 300 milhões em 1870. O número de velhos aumentava consideravelmente.

Com o desenvolvimento industrial, as condições de vida melhoraram. As cidades se higienizaram. Os progressos da medicina e os hábitos de alimentação têm feito a média da vida humana crescer sem cessar.

Na perspectiva de uma sociedade altamente organizada, de um sistema de comunicações que torna, praticamente, os acontecimentos simultâneos e em que a divulgação da ciência é um serviço diário gratuito, insere-se agora a problemática da velhice. A aguda consciência do problema, é, também, resultado de um momento histórico. Ele faz parte do problema mais geral das minorias agora na ordem do dia. Minorias raciais, sexuais, etárias. A orgulhosa sociedade construída na esteira da Revolução Francesa realiza sua profunda auto-crítica. A própria sobrevivência humana está questionada. E ecologistas e cientistas sociais procuram resposta para terríveis indagações.

Os velhos querem ser mais do que o bagaço de uma fruta cujo sumo já foi devidamente extraído numa sociedade de produtores e consumidores.

### 2.3 - Os velhos nas artes

O aparecimento do velho na "Iliada", a mais antiga das epopéias atribuídas a Homero, é logo no primeiro canto.

Trata-se do sacerdote cuja filha fora apropriada por Agame - non e que, ofendido por não lhe ouvirem as súplicas, conseguiu que Apolo desencadeasse a peste entre os gregos. Também o último canto da "Iliada" trata de um velho, Príamo, que chorou a morte do filho Heitor. Simpático, é, também, o aparecimento de Nestor, velho condutor de cavalos, no canto III da Odisséia, aconselhando paternalmente a Telêmaco que andava a procura de notícias de Ulisses, seu pai.

A sabedoria parece vir sempre ligada à longevidade. Na literatura babilônica, da qual parece ter derivado o Eclesiastes bíblico, Gubarru, jovem e belo, interroga um velho: "Homem sábio, homem possuidor de inteligência ..!"(1)

Já na literatura dramática da Grécia clássica, a figura do velho aparece mais como motivo de piedade, acentuando-se os aspectos negativos da condição do velho. Tal eles aparecem em Esquilo, Sófocles e Eurípedes. Com Aristófanes, se inicia a zombaria ao velho, vezo que acompanha o gênero da comédia até Molière, com seus personagens hipócritas, avarentos e tolos, para além da meia idade.

Platão, como filósofo, reserva papel importante para os velhos em sua "República": "Aos mais velhos cabe comandar; aos jovens, obedecer". Seu discípulo Aristóteles, entretanto, considera que o homem só progride até os 50 anos.

Na comédia romana, excepcionalmente, com Terêncio e Plauto, as personagens idosas são tratadas com simpatia.

Cícero, em sua "De Senectute" procura demonstrar que a velhice não desclassifica os homens de boa cepa; pelo contrário, aumenta-lhes as qualidades.

Entre os poetas como Horácio, Ovídio, assim como entre os satíricos como Juvenal, Luciano e Marcial a velhice não é muito apreciada. Ou é cantada em tom lamentoso ou é objeto de escárnio.

Quando reaparece na comédia de Goldoni é em perso-

(1) Will Durant - História da Civilização - 1ª parte-pg.270.



nagens como Pantaleão, corruptor de mulheres e o Doutor, grande tolo e pedante. Bocaccio também zomba dos velhos em seus contos do Decamerão.

É somente com Shakespeare que a figura do velho começa a novamente merecer respeito. Inúmeros são os seus velhos simpáticos, mas com o "Rei Lear", a velhice é mostrada com todos os seus aspectos de enganos, ilusões e terríveis sofrimentos. Mais tarde, essa figura é retomada com outros nomes, em outras roupagens, em grandes obras da literatura como "O Pai Goriot", de Balzac, "A terra" de Zola ou "O ocaso de um coração", de Stefan Zweig. Grandes figuras de velhos aparecem, também, em "Os Thibaut", de Roger Martin Du Gard e em "As grandes famílias", de Maurice Druen. É que a literatura, a partir do romantismo, deixou de se preocupar apenas com reis, príncipes e duques e passou a retratar a vida das pessoas comuns, onde os dramas são mais cruéis e as personalidades humanas mais verdadeiras.

Não queremos deixar de citar, também, o personagem do velho da peça de Becket, "O último tape", em que são reproduzidas as fitas gravadas, em forma de diário, do protagonista. Ele relembra todos os momentos importantes do seu passado e consegue localizar aquele que constituiu a opção decisiva - a escolha entre a ambição e o amor. E ele preferiu a ambição.

Mas apesar dessa aparição do velho em tantas obras, cabe aqui a observação de André Gide em "Os moedeiros falsos", pela boca de um personagem: "Por que motivo se fala tão raramente dos velhos, nos livros? Talvez seja porque os velhos já não são capazes de os escrever e os jovens não se preocupam com eles".

Alguns dos maiores escritores da humanidade viveram longamente e produziram até tarde. Tais os casos de Pítagoras que viveu 99 anos; Platão 82; Esquilo escreve sua "Orestíada", trilogia trágica, aos 67 anos e morre 2 anos depois; Sófocles vive 90 anos e escreve "Edipo em Colona" aos

89; Eurípedes vive 73 e ainda escreve aos 71; Confúcio viveu 81; Hipócrates, 80; Vitor Hugo, 83; Voltaire, 84; Goethe, 83; Bertrand Russel e Bernard Shaw, mais de 90 anos. Como a maioria absoluta dos artistas que viveram muito, produziram até o fim da vida, isto comprova que a idade não subtrai, necessariamente, as potencialidades criadoras.

Nas artes plásticas, o velho aparece já em estátuas egípcias e, também, gregas, apesar deste preferirem, evidentemente, a representação da beleza ideal de que faziam culto. Também aparece na estatuária romana e renascentista, quando começa a servir de modelo, por outro lado, para a pintura. A escola flamenga, de pintura, retrata inúmeras vezes, a velhice. Após a superação do classicismo, nas artes plásticas, com a sua imitação das formas gregas, foi obtida uma liberdade maior para a representação do ser humano, quando, então, o velho voltou a se constituir em modelo.

A criatividade não é longeva apenas nas letras, mas também nas artes plásticas e na música. Muitos pintores, Picasso e Graubert, por exemplo, e escultores produziram até muito tarde e, entre os músicos, é bastante citar: Bach, morreu aos 66 anos sem, praticamente, parar de compor; Haendel vive 74 anos e compõe até os 73; Haydn morre aos 77 e aos 71 ainda estava em pleno vigor criativo; Liszt vai até os 75 anos compondo e interpretando suas obras; Saint-Saens nasce em 1835 e morre em 1921; Verdi compõe sua obra prima "Falstaff" aos 80 anos; Pablo Casals morreu recentemente, perto dos 100 anos e em plena atividade artística.

#### 2.4. - Aspectos clínicos

Hipócrates em seus "Aforismos" parece ter iniciado a observação clínica da velhice. Diz ele em seu aforisma 111: "A velhice acarreta dificuldades respiratórias, catarros que acarretam acessos de tosse, disuria, dores nas articulações, doenças dos rins, vertigens, apoplexia, caquexia, prurido generalizado, sonolência, eliminação de água pelos intestinos,

pelos olhos e pelas narinas, debilidade da vista, cataratas e entorpecimento do ouvido". Recomenda moderação, mas aconselha aos velhos a não interromperem suas atividades.

Galeno, cujas obras seviram de base para todo conhecimento médico por mais de oitocentos anos, insiste em conselhos sobre dietética. Também é favorável a que os velhos continuem ativos. Depois dele, somente no século XI, Avicena faz várias observações sobre as doenças crônicas e os distúrbios mentais dos velhos.

No mais, além das descobertas das lentes para corrigir a visão e do uso dos dentes postiços, até o fim do século XV, os trabalhos sobre a velhice eram tratados de higiene.

Paracelso aventava a teoria de que a velhice é a consequência de uma autointoxicação e David Pomes, médico veneziano, faz descrições acuradas de moléstias senis, sobretudo da hipertensão arterial.

Entre o século XVII e XIX, apesar de aparecerem inúmeros trabalhos sobre a velhice, eles eram, entretanto, desprezados de maior interesse. Contudo, a medicina como um todo se desenvolvia, mercê das observações fisiológicas e das experimentações e descobertas verificadas.

Foi a partir de meados do século XIX que a geriatria começou realmente a existir. A Salpêtrière, que era o maior asilo da Europa, foi o primeiro núcleo de uma instituição geriátrica. Charcot fez ali inúmeras conferências sobre a velhice, publicadas em 1886 e que alcançaram enorme repercussão.

As pesquisas se multiplicaram em fins do século XIX e no presente século XX. As mais notáveis foram as de Boy-Tessier, publicadas em 1895; de Rauzier, de 1908; Pic e Bama-mour, em 1912, na França; na Alemanha, o trabalho de Bürger; na América, os de Minot e Metchnikoff, ambos em 1908 e o de Chil, em 1915.

Depois, chegou a vez dos soros, dos hormônios, dos transplantes. Um professor do Collège de France, Brown-Sé - guard, injetou em si mesmo, aos 72 anos, extratos de testícu - los de cobaia e de cães, sem resultado duradouro. Voronoff inventou o enxerto de glândulas de macacos em velhos e a ex - periência não vingou. Bogomoletz fabricou um soro rejuvenes - cedor à base de hormônios mas fracassou e Metchnikoff, vol - tando à teoria de Paracelso de que a velhice era resultado de uma auto-intoxicação, imaginou que o Yogurt era a solução para impedir a degenerescência intestinal. Cazalis inventou outra fórmula: "Temos a idade de nossas artérias", fazendo da arteriosclerose o fator dominante do envelhecimento.

Foi o americano Nascher, entretanto, que não se con - formando com a impossibilidade de tratamento dos males da ve - lhice, dedicou-se com afinco ao assunto, criando o novo ramo especial da medicina, a que deu o nome de geriatria.

Com o aumento acelerado do número de pessoas ido - sas nos últimos decênios, em face de melhores condições de vida e do enriquecimento nos países mais desenvolvidos, este ramo da medicina tendeu a se desenvolver, uma vez que criou - se um novo "mercado" de clientela, estimulando sempre maior número de médicos a se dedicarem a essa especialização.

Em 1938, em Kiev, realizou-se uma conferência na - cional sobre a senescência. Em 1939 foi fundado um clube in - ternacional de pesquisas sobre a velhice por sábios e profes - sores de medicina da Inglaterra. Em 1950, em Liège, criou-se uma associação internacional de gerontologia que realizou congressos em 1951, em Missouri e em 1954, em Londres. A Uni - versidade de Chicago publicou em 1959 e 1960, três tratados que são verdadeiras sùmulas sobre a velhice, tanto do ponto de vista individual como social, na América e na Europa Oci - dental.

A gerontologia, portanto, desenvolveu-se em tres planos: o biológico, o psicológico e o social.

A medicina parece ter desistido de determinar a causa do envelhecimento biológico, passando a considerá-lo inerente ao processo da própria vida, tal como o nascimento, o crescimento, a reprodução e a morte.

Com todos os progressos da medicina, de cem anos para cá, já é possível fazer uma descrição pormenorizada de todos os processos do envelhecimento. Mas ainda não foi possível estabelecer as causas e, menos ainda, recursos para impedi-los ou mesmo retardá-los por um longo período. Será a velhice um processo irreversível, impossível de ser impedido? A resposta a essa indagação ainda não se encontra na ordem do dia da ciência médica.

A busca da fonte da eterna juventude talvez continue como um dos mitos ou, até mesmo, como um dos arquétipos da humanidade. Aldous Huxley, em seu sarcástico "Também o cisne morre", conta a história de um milionário americano que financiava pesquisas em torno da carpa, peixe que vive 300 anos, para descobrir um processo de aumentar a vida humana. No final, os pesquisadores descobrem um ser humano com mais de 200 anos de idade. Tinha virado macaco. Seria o homem um estágio atrasado do símio?

## 2.5. - Aspectos psicológicos

A primeira tarefa do pensamento humano, quando cognitivo, foi a de apreensão e apropriação do mundo. A partir da magia e da religião até à ciência e à filosofia, a problemática que se deparava ao homem era a de resolver os problemas da sua sobrevivência, do domínio da natureza, na proporção em que ele pudesse estabelecer um padrão de vida que lhe permitisse os luxos do lazer.

O pensamento pré-filosófico das sociedades antigas, do Egito e da Mesopotâmia, incluindo-se, também, o do povo hebreu, já contém os primeiros germes de uma antropologia filosófica, isto é, o homem já era encarado vagamente como dig

no de meditação sobre sua existência e comportamento. E isto se vê mais claramente nos documentos bíblicos, que são o amálgama da sabedoria judáica antiga e do conhecimento dos povos mesopotâmicos, a quem Israel dominou e por quem foi dominado.

O pensamento hindu e chinês parecem preceder de muito a preocupação ocidental pelo homem como ser humano, pois foi certamente com Sócrates e seu "conhece-te a ti mesmo" que se inaugura a psicologia para o ocidente.

Pode-se rastrear a preocupação filosófica com o homem, desde Sócrates, alinhando-se nomes como os de Platão, Aristóteles, Séneca, Epicteto e Marco Aurélio, Plotino, Santo Agostinho, até Pico de Mirandola, Pomponazzi, Maquiavel, Nicolás de Cusa e Paracelso e terminando com Erasmo e Montaigne já no limiar da Idade Moderna.

Mas foi somente quando a psicologia se destacou da filosofia, deixou de ser uma de suas servas para se tornar uma ciência autônoma, que o conhecimento do homem se desenvolveu. A Revolução Francesa, baseando-se nas teorias do Direito Natural e do Contrato Social, proclamara os Direitos do Homem e criara, assim, a cidadania. O desenvolvimento do capitalismo, estimulando a iniciativa individual e o Romantismo, levando o subjetivismo até suas últimas consequências, despertaram o homem para a importância de si mesmo.

Mas a psicologia esteve, de início, muito presa às suas raízes filosóficas e às suas tendências de considerar o homem como um ser ideal, abstrato, para todo o sempre idêntico a si mesmo. Os primórdios da psicologia foram assim. E, apenas quando se acrescentou a ela o título de experimental, é que o seu desenvolvimento acelerou-se. Mas, mesmo esse experimentalismo, ainda prestava tributo ao mecanicismo científico que somente considera digno de atenção e de credibilidade aquilo que se pode pesar, medir e analisar estatisticamente. Uma ciência de mensuração.

Essa tendência da psicologia ainda marca profundamente muitas correntes modernas, principalmente as que procedem das teorias de Watson e de Pavlov. Alguns dos discípulos mais radicais do behaviorismo chegam a reduzir os fenômenos psicológicos a meras reações ESTÍMULO-RESPOSTA e a tentar explicar as complicações do comportamento humano através de experiências primárias realizadas com ratos, em laboratório.

O que marcou uma virada decisiva no estudo da mente humana foi, sem dúvida, a contribuição de Charcot, Pierre Janet, Bernheim e Babinski, logo seguidos pela intervenção decisiva de Breuer e Freud. É que a observação clínica e sistemática de doentes mentais levou esses sábios a duvidarem de que a psicologia humana fosse tão simples como os esquemas até então vigentes.

Do que observaram, ficou evidente que outros mecanismos existiam na psiquê humana que, em situações limites, deflagravam determinados sintomas que caracterizavam a neurose. Disso resultou a descoberta do inconsciente.

De qualquer forma, antes dos estudos de Freud, que revolucionaram a psicologia, pouco se poderia encontrar nesta ciência que se aplicasse à terapia dos problemas da velhice. Como já dissemos acima, a psicologia ainda se encontrava muito presa à filosofia e a suas construções monumentais que explicavam tudo e deixavam quase tudo por explicar.

Mesmo após o desenvolvimento verificado a partir do final do século XIX, os psicólogos têm se dedicado muito mais ao estudo da criança e do adolescente do que às do homem de outras idades. Sobre o tema criança e adolescência, as obras são inumeráveis. Estudos clássicos como os de Piaget, Spranger, Anibal Ponce e outros têm trazido contribuições extraordinárias para a modernização dos métodos pedagógicos. Os jovens, também, têm merecido estudos importantes. Principalmente no presente, quando a "onda jovem" cobriu o mundo com acompanhamento musical dos Beatles e o apoio teórico de filó

sofos tão importantes quanto Herbert Marcuse.

A bibliografia sobre a problemática psicológica da velhice é, infelizmente, muito pobre. Por exemplo, numa coleção intitulada "Biblioteca del hombre contemporáneo" da Editorial Paidós, de Buenos Aires, em 231 títulos de livros sobre psicologia, apenas um é dedicado a "La psicoterapia de la niñez a la senectud". Em dezenas de manuais e tratados sobre a história da psicologia dificilmente se encontraria a simples menção da palavra "velho". Temos que ficar com obras do tipo "IDADE, SEXO E TEMPO", de Alceu Amoroso Lima, aliás, já traduzida para outros idiomas, em que as observações sobre a velhice obedecem a critérios e a conceitos completamente falsos e obsoletos. Tomando idealmente a figura do velho, possivelmente visto através de olhos amorosos em membros da própria família ou de pessoas de classe social elevada, estende-se em considerações que nada acrescentam ou esclarecem sobre a realidade da velhice. Chega mesmo a dizer que os velhos não se suicidam, quando a estatística do mundo inteiro demonstra que o suicídio é praticado de forma intensa por pessoas de idade. Na França, aliás, constituem número francamente alarmante os suicidas idosos.

## 2.6. - O enfoque psicanalítico

A psicanálise é uma teoria relativamente nova. Os seus desenvolvimentos, apesar de já extensos, ainda não se desdobraram em todas as áreas possíveis. Objetivando uma amplitude, que é aliás um vezo curioso do espírito germânico, capaz de transformar a psicanálise num sistema completo e acabado, Freud avançou caminhos os mais diversos, desejando que a sua teoria abarcasse também a sociologia e a história. Suas interpretações nessas áreas são, aliás, brilhantes. Mas é que a sua criação era primordialmente um estudo da mente humana, um aprofundamento ao âmago do mistério da personalidade. Essa missão já era suficiente. Sua mensagem já estaria, assim, justificada.



Porque as descobertas de Freud, no que diz respeito ao conhecimento das zonas obscuras da mente humana, do inconsciente, são uma das contribuições decisivas à história da humanidade. Modernamente, quatro foram as descobertas que revolucionaram a cultura: Na biologia, a teoria da origem das espécies de Darwin; na economia, a crítica do sistema capitalista de Marx; na física, a teoria da relatividade de Einstein e, no conhecimento do homem, a psicanálise de Freud. Essas quatro contribuições mudaram a face do mundo e continuaram a atuar, decisivamente, já incorporadas ao patrimônio da civilização.

As quatro, aliás, se entrelaçam e suas fundamentações atuam no desenvolvimento do conhecimento humano como um todo. As noções da herança animal do homem, da sua historicidade, da complexidade da mente humana e da relatividade dos conceitos são hoje conhecimentos ao alcance de quase todo mundo que dispõe de uma mediana cultura.

No que diz respeito às relações entre marxismo e psicanálise há polêmicas inevitáveis. Enquanto marxistas dogmáticos como, por exemplo, Georges Politzer e Victor Lafitte proclamam o "Fim da Psicanálise", autores tão importantes como Erich Fromm, Reuben Osborn, William Reich e outros buscam as afinidades existentes entre as duas teorias.

De qualquer forma, é inegável que a psicanálise introduziu a historicidade na psicologia humana. A mente deixou de ser um produto feito e acabado recebido de presente da "mãe natureza" desde o aparecimento ou a criação do homem. Na psicanálise, o espírito humano é um "processo" que incorpora aos instintos herdados da espécie, e desde o seu nascimento, a própria história do seu desenvolvimento em diversos níveis conscientes e inconscientes. É esse próprio processo histórico do desenvolvimento que se constituirá ou não numa neurose.

Por outro lado, foi no próprio Darwin que Freud foi buscar a teoria da "horda primitiva", base da elaboração do

seu complexo de Édipo. Essa teoria da "horda" apresenta semelhanças significativas com a adotada por Engels em sua "Origem da Família, da Propriedade e do Estado", o que entrelaça, mais uma vez, o darwinismo, a psicanálise e o marxismo".

Outros autores encontram outras semelhanças entre essas teorias e indicam mesmo que a psicanálise adota uma concepção "dialética" em suas elaborações. Não seria o "super-ego" mais do que o resultado dialético da contradição entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo com seus impulsos cegos, a sociedade com sua repressão necessária à sobrevivência do grupo, teria criado essa entidade que seria a síntese dessa luta de contrários, dentro do próprio homem.

Discípulos de Freud levaram a historicidade da teoria ainda mais longe. É o caso de Jung com a sua hipótese do "inconsciente coletivo" onde estariam registradas as memórias da ancestralidade da espécie. Também histórico é o processo que desencadeia os "complexos" de inferioridade e superioridade de Adler, nascidos do esforço da criança, no sentido de alcançar e superar o paradigma, que é para ela, o adulto. Os grandes talentos não seriam, para ele, senão o resultado de um esforço de superação de uma inferioridade real, orgânica ou não.

Com Erich Fromm e Karen Horney, a psicanálise procura outros rumos, leva em conta os fatores sociais no aparecimento da neurose.

Outras correntes, inúmeras, se desenvolveram no rastro deixado pela contribuição genial de Freud, não sendo das menos importantes e significativas as que seguem a orientação de filósofos como Marcuse e a sua reelaboração das teorias do instinto de vida e de morte, a luta entre Eros e Thanatos, transportada para o plano social.

A psicanálise ortodoxa, tal como foi elaborada por Freud, tal como está registrada nos seus livros, somente pode ser seguida estritamente por espíritos de tendência religiosa que desejam transformar em seita as suas convicções e

aspiram à segurança de um texto bíblico imutável para dirimir todas as dúvidas possíveis.

As contribuições já aportadas à psicanálise não fazem mais do que enriquecê-la e mesmo os discípulos mais divergentes das teorias freudianas não podem negar a construção genial erguida pelo mestre vienense.

A psicanálise é uma ciência nova e, portanto, deve ser aberta a todas as contribuições realizadas com honestidade e vontade de acertar. Afinal, se a finalidade da psicanálise é o melhoramento da vida humana sobre a terra, tudo o que ajudar a realização dessa melhoria será bem-vindo.

Parece que tudo se deve a uma pergunta inicial, a mais difícil de ser respondida: o que é o homem?

Durante muitos séculos essa pergunta foi respondida ortodoxamente: o homem é um ser criado por Deus à sua imagem e semelhança. Essa resposta foi se desgastando ao rolar do tempo, mas a pá de cal parece ter sido dada por Darwin com seu livro sobre "A origem das espécies". O homem seria um animal provindo de formas inferiores de vida, através da evolução.

Dito isto, o que teria tornado o homem tão diverso dos seus irmãos sub-desenvolvidos? A religião logo apontou: a alma. Os filósofos diziam: o pensamento. O pessimista, talvez, dissesse: a maldade.

O homem era um animal, mas um animal de um estilo diferente, que não vivia apenas no presente, como os das outras espécies. Isto, através do seu cérebro, desenvolvido quando o homem se pôs de pé sobre as patas traseiras; do pensamento, criado pela atividade manual, quando o troglodita aprendeu a atirar uma pedra, usar uma clava, transformar uma pedra e uma clava num machado potente; do trabalho que foi criando riquezas até libertá-lo da necessidade premente de ter que caçar, pescar, ou colher o alimento de cada dia, todos os dias. O homem seria o produto histórico desses fato

res, acrescido, posteriormente, da fala e do elemento grupal que acabou por transformá-lo em animal social, raiz de toda uma problemática nova.

Porque o homem é o único animal que possui passado, na lembrança resguardada das experiências passadas; presente, através das volições, dos instintos vitais, dos desejos, dos apetites, dos devaneios, das satisfações, das frustrações; futuro, através da previsão das esperanças, dos receios, do medo da morte.

Mas o homem é um animal "desnaturado", um animal que, abandonando a natureza, deixou de ser parte dela, de tê-la como protetora e, pelo contrário, começou a senti-la hostil, inimiga poderosa contra a qual é necessário lutar, mas que não se pode deixar de temer. Seu primeiro conflito. Razão do nascimento das religiões, através da magia, das oferendas, dos sacrifícios, dos rituais. Religião que deu nascimento às artes: a dança ritual, de ritmo marcado por instrumentos (música), com máscaras e vestuários elaborados; a pintura rupestre, propiciadora da boa caça; os rituais predecessores do teatro; os monumentos megalíticos, arquitetura mágica primitiva.

Depois, a problemática da convivência em sociedade, esta segunda natureza também hostil, muitas vezes, também, frustradora dos impulsos, preço que cobra pela dose de segurança que oferece.

E as dificuldades surgidas com a organização familiar. A luta dos clãs, as etapas do casamento em grupo, do matriarcalismo e do patriarcalismo. Qual a sua ordem verdadeira dentro da história? Qual a etapa mais extensa? Qual a que teria marcado mais profundamente o homem, a ponto de se tornar um elemento do "processo" produtor de neurose?

E a seguir, as sociedades históricas já desenvolvidas, tanto agrícolas quanto pastoris, quando o homem já dominara a técnica do plantio e da organização dos rebanhos. E o aparecimento dos reis, dos sacerdotes, dos juizes, dos cobra

dores de impostos, dos generais conquistadores de impérios.

E a escravidão, o feudalismo e a sociedade industrial, com sua problemática específica, que não pode deixar de ter marcado profundamente a história humana, mesmo que não se possa avaliar em que grau essa experiência possa ter sido registrada pela mente do homem.

Os fatores são inúmeros e as causas da angústia humana, da inquietação, do mal estar e da neurose, possivelmente, vão além das que foram detetadas pelas várias escolas psicanalistas, até agora.

Porque o homem tem que conciliar, em uma única pessoa, fatores tão diversos quanto: sua origem animal; sua denaturação; sua relação com o parentesco não escolhido; seu desenvolvimento físico, mental e emocional; seu aprendizado de uma herança cultural milenar; sua educação formal; seu convívio social em vários ambientes diferentes durante um único dia; o aprendizado de sua situação geográfica, seu país, sua região, sua cidade e suas peculiaridades; os preconceitos familiares, de status, da sociedade em que vive, sua religião, seus ideais, suas aspirações; o aprendizado do amor, tal como ele é praticado em seu mundo, com todo o seu arsenal de intrigas, de estratégia, de comércio, de obrigações e deveres; o acomodamento ao ideal elaborado pela sociedade, à imagem que deve apresentar em cada momento da vida, em cada ambiente, em cada idade, porque não devemos ser os mesmos num jantar, numa festa ou num velório, não podemos conservar a mesma personalidade nas idades de 15, 25, 45 ou 55 anos. Temos que elaborar a nossa "persona".

Aquí vale citar Laurence S. Kubie, em seu "Teoria e Prática da Psicanálise": "Pouco a pouco aprendemos que não é assim, e que ser um ente humano é uma tarefa tão complexa que a raça humana ainda não conseguiu realizá-la". Outro pensador já tinha dito, anteriormente: "ainda estamos na pré-história do homem".

Mas o enfoque psicanalítico ainda deve ser o que

nos norteará no estudo da terapia da velhice. Ele nos fornece uma série de instrumentos teóricos e práticos de grande valia em nossa tarefa e, por outro lado, não nos obriga a seguir rigidamente um caminho delimitado.

A terapia dos problemas psicológicos da velhice não foi colocada por Freud nem pelos seus discípulos ortodoxos. A opinião do sábio austríaco era que, após os 40 anos, dificilmente se conseguiria bons resultados com um tratamento psicanalítico. A mente humana, teria se enrijecido a ponto de não se poder mais modificá-la.

Isso fornece aos estudiosos da problemática psicológica da velhice uma liberdade maior para aplicarem, indistintamente, princípios e teorias colhidos em várias escolas da teoria psicanalítica. Aqueles que se mostrarem mais adequados ao tratamento, assim como outros que derivarem da própria prática do atendimento, deverão se incorporar a um método próprio que se elaborará empiricamente.

Porque a finalidade de todo atendimento analítico parece que é, afinal de contas, a obtenção de algo semelhante àquele propósito perseguido por milhões de seres humanos através dos milênios. Uma espécie de iluminação ("insight") que, repentinamente, possa modificar todo o curso da existência e transformar a criatura humana em outra. Objetivo apenas religioso, místico, ou meta perseguida quando se busca aquilo a que chamamos felicidade? Aristóteles já dizia em sua "Ética" que o objetivo da vida do homem é a felicidade. Será a felicidade aquela chama, aquele "estalo na cabeça de Vieira", aquela iluminação búdica, aquele súbito êxtase do yoga, aquela compreensão profunda que nos deixa em paz com nós mesmos?

Se é assim, não existe limite de idade para atingi-la. Ela pode ser alcançada mesmo no último alento da existência, antes do derradeiro suspiro e iluminar toda uma vida.

Mesmo sem aspiração tão alta e tão extrema, estamos

certos de que a terapêutica psicológica da velhice pode propiciar a muitas pessoas de avançada idade um reencontro com as mais profundas e verdadeiras aspirações de sua vida inteira, uma descoberta de si mesmo e uma aceitação melhor e mais criativa do seu destino.

## 2.7. - O enfoque fenomenológico

É principalmente através do existencialismo sartreano que a fenomenologia buscou se integrar ou pelo menos reinterpretar a psicanálise.

É a teoria sartreana do projeto fundamental do homem que aceitamos em nossa formulação do "Conceito de Velhice" (ítem 1.1), uma vez que consideramos esta sua contribuição como séria aplicação do método fenomenológico aos problemas do ser humano, especificamente no terreno da psicologia.

Outra contribuição importante de Sartre no mesmo terreno é a que se refere ao significado do futuro para a interpretação das dificuldades psicológicas do indivíduo. Ele nega que as ações do homem sejam tão somente resultado do seu "passado", do seu condicionamento. Pelas suas próprias palavras: "Porém se aceitamos o método da psicanálise (freudiana) devemos aplicá-lo em sentido inverso. Em lugar de compreender o fenômeno estudado a partir do passado, concebemos o ato compreensivo como um retorno do futuro para o presente". "O ser e o Nada", página 536 (Apud Alfred Stern - "La Filosofía de Sartre y el Psicoanálisis Existencialista").

Neste ponto a sua teoria tem inegáveis pontos de semelhança com a de Alfred Adler em seu "The Practice and Theory of Individual Psychology, pag. 3., citado por Alfred Stern: "Que me seja permitido observar que se eu conheço o objetivo de uma pessoa, conheço, de maneira geral, o que vai suceder. Se apenas estou relacionado com as causas, conheço somente os reflexos, os tempos de reação, a capacidade para repetir tais fatos, não tenho consciência de nada do que realmente ocorre na alma de um homem".

Esta teoria do futuro como alvo, como causa de -



terminante da ação na construção do projeto fundamental do homem, vem enriquecer e dinamizar o estudo do comportamento e do que move o indivíduo em sua ação cotidiana, iluminando, também, a problemática da neurose, principalmente em se tratando do estudo da psicoterapia da velhice. Pois, entre os de mais idade, é que o fator tempo passa a ter um significado maior. Quer se trate de um tempo passado, presente ou futuro.

J. H. Van den Berg atribui a preferência do terapeuta pelo significado do passado "porque (o terapeuta) se acostumou, de modo geral, a acompanhar a linha de pensamento da evolução". Nesta linha de raciocínio tudo é a consequência de um desenvolvimento. Para compreendermos o presente é necessário investigar a condição que o precedeu. Que o presente possa ser compreendido como resultado do presente é um conceito que não é óbvio à primeira vista. Ainda mais difícil seria acreditarmos que o presente possa ser feito pelo futuro. Contudo, esta idéia, aparentemente inconcebível, é comprovada pela vida de todos os dias. Por exemplo: quando uma pessoa sai de casa para fazer compras, sai para praticar uma ação no futuro. Com as palavras do próprio Van der Berg: "É duvidoso que exista um ato qualquer que seja determinado somente pelo passado. As condições de decisão são dadas pelo passado, mas o ato em si, origina-se do futuro, da expectativa, da vontade, do medo ou do desejo. Isto é verdadeiro para toda a vida; se o passado fornece as condições para o que vai acontecer na vida, são os próprios atos da vida que estão enraizados no futuro. O mesmo pode ser dito para as existências perturbadas. O passado fornece as condições para a neurose, mas esta se origina das condições inacessíveis ou dificilmente acessíveis do futuro".(1)

Se as nossas dificuldades não podem ser colocadas apenas no passado, mas também em função do futuro, na

(1) - O Paciente Psiquiátrico - Esboço de Psicopatologia Fenomenológica - Prof. Dr. J. H. Van den Berg - Editora Mestre Jou - São Paulo, 1966.

construção do nosso projeto de vida, as dificuldades psicológicas da velhice não podem ser estudadas apenas como resultado de fatos anteriores. O futuro, em função do qual se vive, é a meta. Um futuro que não tem apenas um portão no qual estaria escrito: morte. Mas principalmente um futuro no qual se abre a estrada natural da vida.

Mas não é apenas no que diz respeito aos conceitos de passado, presente e futuro que o tempo é encarado pela fenomenologia. Os simples aspectos cronológicos e de medição devem ser rejeitados. É que o tempo psicológico difere daquele das verdades apriorísticas da filosofia ou das investigações dimensionais da ciência. Bergson e Proust, cada um no seu metier, são precursores de uma nova concepção temporal.

Trata-se do tempo como significado. "Sofrer é um longuíssimo momento", são as primeiras palavras do "De Profundis" de Oscar Wilde. (2) "Para nós o próprio Tempo não avança; parece descrever um círculo ao redor dum centro de dor". Há um tempo cuja dimensão tem o significado que a intensidade do sentimento lhe empresta.

De resto há uma duração do tempo próprio para cada idade. O da infância em que tudo parece acontecer devagar, em que o tempo custa a passar, em que está tão distante a meta de se crescer, de se acabar o primário, do dia do próximo aniversário, das festas de S. João e do Natal. Da adolescência em que se espera, desesperadamente, o acontecer, impacientes de viver, ainda que não se saiba ainda ser. Da juventude com o seu desbragamento de prodigalizar o tempo, matá-lo em entretenimentos, em ações absurdas, em patacoadas. Depois um tempo mais refletido, mais contido, cheio das realizações e das obrigações assumidas. E a maturidade em que há um lançar de olhos mais sereno, quando se medita

(2) - De Profundis - Oscar Wilde - Minha Livraria Editora - Rio de Janeiro, 1938.

cada passo, quando se pergunta se vale a pena. E é chegada a idade do balanço, do se comparar as realizações com as ambições, com o projeto de vida.

Segundo Heidegger, o poeta funda o ser com a palavra. São os poetas os que melhor sabem expressar o significado do tempo em sua dimensão vivencial. Demos a eles a palavra.

### ANIVERSÁRIO (3)

"No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu era feliz e ninguém estava morto.  
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradi-  
ção de há séculos  
E a alegria de todos, e a minha, estava certa co-  
mo uma religião qualquer".

### POBRE VELHA MÚSICA!

"Pobre velha música!  
Não sei porque agrado,  
Enche-se de lágrimas  
Meu olhar parado.  
  
Recordo outro ouvir-te.  
Não sei se te ouvi  
Nessa minha infância  
Que me lembra em ti.  
  
Com que ânsia tão raiva  
Quero aquele outrora!  
E eu era feliz? Não sei:  
Fui-o outrora agora."

### 3 - O TRATAMENTO PSICOLÓGICO DOS VELHOS

#### 3.1. - Contribuição ao tratamento psicológico dos velhos

A contribuição que se deseja dar à psicoterapia da velhice tem que se centrar principalmente na observação empírica. Como já tivemos ocasião de nos referir, a bibliografia existente sobre o problema é reduzidíssima, mercê das próprias conclusões do criador da psicanálise que desaconselhava, em princípio, a utilização do seu método para os pacientes de mais de 40 anos.

Eis que o esforço para oferecer às pessoas de idade os benefícios de uma teoria e de uma técnica que já vem ajudando a muitos milhares de pessoas no mundo terá que apoiar-se na própria prática da terapia, aperfeiçoar-se e tornar-se mais efetiva no desenvolvimento do próprio trabalho.

#### 3.2 - Observações no trabalho de atendimento

Por isso é que consideramos da maior importância as observações feitas no trabalho de atendimento. Na medida em que se vai aplicando técnicas, na medida em que se vai acumulando uma experiência que se enriquece diariamente, o trabalho tende a tornar-se cada vez mais produtivo e a apresentar resultados crescentes.

Desejamos que essas observações possam servir como subsídios para a posterior elaboração de um corpo doutrinário sólido, capaz de acrescentar, ao já rico patrimônio da psicanálise, uma teoria e uma técnica eficazes no tratamento dos distúrbios psicológicos da velhice.

##### 3.2.1. - O que pode ser atribuído a fatores etários

Os fatores propriamente etários da problemática dos velhos poucas vezes aparecem, entre os que procuram uma ajuda psicológica.

É verdade que a maioria deles têm suas queixas, atribuem seus males físicos à idade, buscam provocar a piedade através da enumeração de suas dificuldades.

Entretanto, não são as deficiências determinadas pelas limitações do organismo envelhecido que produzem as dificuldades psicológicas. Estas se devem a outros fatores.

### 3.2.2. - O que pode ser atribuído a fatores clínicos

Em nosso trabalho consideramos que somente é possível realizar um esforço positivo se o paciente não sofre de deficiências físicas acentuadas. Assim é que nos casos de pacientes com arteriosclerose, deficiências motoras ou moléstias graves, preferimos aconselhá-los, ou a seus parentes, o encaminhamento dos mesmos a especialistas clínicos.

Entretanto, é preciso que se acentue que, muitas vezes, sintomas desagradáveis experimentados pelos pacientes, por outro lado, não impossibilitados de um tratamento psicológico, muitas vezes desaparecem no curso do tratamento.

Em todo caso, aquela sintomatologia especificamente clínica deve ser tratada por médicos. Para esses os pacientes deverão ser encaminhados. O tratamento médico, entretanto, poderá ser efetuado ao mesmo tempo que o psicológico, observando-se o que foi dito no primeiro parágrafo deste ítem.

Há, portanto, muitas vezes, um entrelaçamento da problemática psicológica com fatores clínicos provenientes da própria idade do paciente.

### 3.2.3. - O que pode ser atribuído a fatores sociológicos

X O mundo em que vivemos está atravessando uma fase de modificações explosivas. Não foi somente a realização de duas guerras mundiais e o aparecimento de novas formas de Governo, da redivisão do mundo em novas esferas de influência, do surto do nacionalismo em países dependentes e em colônias

centenárias. As transformações nos costumes, efeito de uma substituição da ideologia agrária, patriarcal, religiosa por outra ideologia industrial, igualitária para os sexos e o agnosticismo, quando não o ateísmo, transformaram os planos de vida das pessoas de mais idade, criadas ainda sob o império de outros ideais.

É que a velocidade da transição criou um estado de perplexidade como não parece ter havido em nenhum momento anterior da história. Mesmo na ocasião em que ruuiu o Império Romano e surgiu o cristianismo, ou quando a igreja cristã se dividiu em protestantismo e catolicismo ou mais modernamente com a Revolução Francesa, a ruptura com o passado não apresentou a radicalidade de que se está revestindo a mudança verificada em nossa época.

Essa mudança de estruturas e de ideologias contribuiu para os distúrbios psicológicos dos mais velhos.

### 3.2.4. - O que pode ser atribuído a fatores históricos

Os fatores históricos, à primeira vista, poderiam ser confundidos com os fatores sociológicos, pois guardam entre si certas semelhanças. Queremos nos referir, entretanto, no caso do Brasil, a fatores nitidamente históricos que contribuíram para tornar mais aguda a problemática da velhice.

A Revolução de 1964 veio valorizar e fazer aparecer, no cenário nacional, toda uma nova geração de tecnocratas e afastar toda uma geração de administradores e, até mesmo, de economistas que, até então, dirigiam o país.

Embora houvesse muitas críticas no sentido de que os governantes, em geral, eram velhos, na verdade, o Brasil foi entregue a um grupo de homens jovens, de especialistas a quem coube planejar, reordenar e reorganizar a nação.

Disso derivou, nos últimos anos, uma tendência entre as empresas privadas para substituírem os executivos mais idosos por uma nova geração. E, indo mais além, um propósito

to deliberado de negar trabalho a quem tivesse mais de 45 anos. Esse problema se tornou tão agudo que deu motivo ao projeto nº 235/71, aprovado por unanimidade pela Comissão de Economia da Câmara Federal, proibindo a discriminação de idade na admissão de pessoal pelos órgãos de serviço público federal, estadual, municipal, autarquias, sociedades de economia mista, empresas concessionárias de serviços públicos ou privados. Por outro lado, a Previdência Social divulgou portaria determinando que aos beneficiários idosos não basta conceder apenas assistência médica: "é necessário, também, atendimento global, abrangendo os aspectos biopsicossociais".

### 3.2.5. - O que pode ser atribuído a fatores psicológicos

Os fatores psicológicos não podem ser estudados se não levando-se em conta os demais fatores enumerados. É que os problemas psicológicos da velhice, mais do que os de qualquer outra idade, se radicam em toda uma estrutura, em todo um complexo de problemas ligados um ao outro e incompreensíveis sem uma visão geral dos seus vários aspectos.

A solidão experimentada pelos velhos tanto pode derivar de um real abandono, por parte dos filhos, por exemplo, como ser devido às dificuldades acumuladas pela cidade grande, que acabou com as casas em que conviviam várias gerações da mesma família e substituiu-as por apartamentos em que mal cabem casal e filhos mal acomodados.

As relações humanas sofreram um processo de deterioração que é a causa de muito sofrimento de moços e velhos, mas que costuma pesar mais para os de mais idade. O próprio "respeito" de que gosavam os mais velhos, provindos de uma sociedade patriarcal, foi substituído, muitas vezes, por uma ironia, um desprezo, uma atitude de deboche, em face das opiniões dos "coroas", em geral, "caretas", "quadrados", "por fora".

Já nos referimos, anteriormente, à "onda jovem", u↓  
ma das mais perfeitas promoções comerciais da história. Me-

diante a adulação e a exaltação da juventude, os fabricantes de vestimenta, de objetos eletrônicos, de motocicletas e de outras várias bugigangas conseguiram encontrar um novo público, uma nova camada consumidora para seus produtos. Essa exaltação do jovem, inevitavelmente, teve sua contrapartida na zombaria e na desvalorização dos mais velhos. "Não confio em ninguém com mais de 30 anos".

Em perigo de verem esgotados os resultados daquela promoção, já foi providenciada a "onda nostálgica" para que o mercado das pessoas de meia idade seja reativado.

### 3.3. - Em que deve consistir o tratamento psicológico dos velhos

Não concordamos com a opinião muito difundida de que o único auxílio possível de se dar ao velho é uma psicoterapia de apoio. A própria palavra "apoio" já tem uma conotação que leva a se pensar em alguma coisa como muleta, como uma espécie de aparelho ortopédico para ajudar um deficiente que não pode caminhar sozinho.

Os preconceitos existentes sobre os que alcançam determinada idade, preconceitos a respeito dos quais poucos se detêm para meditar, levam a crer que a idade é uma espécie de aleijão e que os velhos devem ser tratados como os que perderam uma perna ou sofreram um ataque de paralisia.

A ajuda melhor que se pode prestar, em qualquer caso, não consiste em se dar a mão ou o ombro como apoio, mas possibilitar que cada um ande sobre seus próprios pés, de acordo com suas capacidades e limitações.

Por outro lado, não aceitamos, também, que o papel do psico-terapeuta, no caso dos velhos, seja, apenas, o de ajudá-los a elaborar a sinistra idéia da morte. Não cremos mesmo no êxito da elaboração dessa idéia. Sob o nosso ponto de vista, seria como uma tentativa inútil de se pensar o impensável.



Preferimos afirmar com Gregório Bermann: "A velhice necessita de um presente e de um amanhã. E, mais que outra qualquer idade, de uma filosofia da esperança". (1) Mais adiante, acrescenta Gregório Bermann, no trabalho a que estamos nos referindo: "A máxima conhecida de que enquanto há vida, há esperança, deve ser invertida: enquanto há esperança, há vida. E isto não é tão simples quanto se supõe porque, como disse Bermann, "a esperança é a maior e a mais difícil vitória que um homem pode ganhar sobre sua alma". (2)

Portanto, a tarefa do psicoterapeuta não deve consistir em resolver para o velho o problema da morte. Este problema já está irremediável e antecipadamente resolvido para todos nós. O que deveremos fazer é ajudá-lo novamente a assumir a vida para que ele volte a encará-la de frente, não como a recordação de um nostálgico passado, mas como uma realidade presente.

Assumir a vida, aliás, é uma tarefa de todas as idades. A cura das perturbações mentais, em última análise, consiste justamente em que o paciente se resolva a retomar a tarefa de viver, a encarar os problemas com que tem de se defrontar, não como se eles constituíssem dragões de hálito mortal que impedem qualquer caminho, mas como obstáculos naturais que todos temos de superar.

Assumir a vida é assumir a liberdade, é abandonar a fantasia de que se está no mundo como um condenado, igual ao Sr. K, de "O Processo", de Kafka. Por outro lado, assumir a liberdade é deixar de culpar os outros pelos próprios descaminhos. É deixar de ser o réu, deixando de ser também o acusador.

O velho tem seus problemas psicológicos específicos, mas, como outro qualquer paciente de qualquer idade, a sua cura consiste em ousar a plenitude do seu próprio destino.

(1) Gregório Bermann - Psicoterapia de la niñez y senectud - Editora Paidós - Buenos Aires - 1971.

(2) Ídem, pág. 177.

### 3.3.1. - A posição familiar

É justamente quando a idade vai avançando que a posição do indivíduo junto à família começa a ser seriamente questionada. Há sempre uma tendência para que se comece a descartar os mais velhos, a não ser que estes sejam donos de fortunas vultosas, quando então, costuma se formar em seu redor o cerco dos herdeiros potenciais. De um modo geral, porém, o velho começa a sentir que a sua posição já não é a mesma. Os filhos já estão criados e encaminhados, os problemas já não dependem mais de sua opinião para serem solucionados, suas histórias dos bons tempos começam a ser ridicularizadas, suas recordações não possuem nenhum valor para os que assistiram o homem pisando na lua, pela Televisão. A vida se encarregou de dispersar as amizades antigas.

O futebol já não é mais aquele, o cinema só passa filme pornográfico, os jornais já não têm os editorialistas de outras épocas. O jeito é cochilar diante da televisão.

A partir da meia idade, o indivíduo começa a ser deslocado de sua posição. Como "velho", sua marginalização vai sendo realizada, ora lenta e gradativamente, ora súbita e repentinamente. Tudo conspira para isso. A incapacidade de ganhar muito dinheiro, o enfraquecimento físico, seu apego à rotina, sua alienação progressiva da atualidade, seus preconceitos, sua própria atitude de renúncia, seu deixar-se levar pelos acontecimentos.

Aos poucos, eles vão sendo expulsos da família, destratados, abandonados, trastes que não se pode jogar fora, mas que servem, apenas, para tomar espaço, para atrapalhar.

É todo o círculo familiar que se desloca. Como um objeto flutuando no espaço, ao sabor do vento, o velho já não sabe mais onde encontrar sua localização, onde se situar. Vê que a relação com os filhos tomou um rumo oposto ao que era antes. Se eles obedeciam, agora querem mandar. Se eram criticados, agora criticam. Se eram reprimidos, agora reprimem.

Se eram educados, agora educam.

Se o casamento ainda perdura, se o velho não está viúvo ou separado, a relação com a mulher, também, sofre um deslocamento. Não havendo um grande amor que tenha atravessado os tempos chegou a época das recriminações. Cada um procura jogar no outro a culpa de uma vida mal realizada. Cada um atribui ao outro a perda dos melhores anos de sua vida. Cada um vê nascer contro o outro um ódio reprimido por tantos anos e que agora como que afia as garras para ferir melhor.

É que chegou a hora do ajuste de contas. O ajuste de contas com uma infância que ora é idealizada como um paraíso perdido, ora é amaldiçoada como um inferno prematuro. O ajuste de contas com a adolescência e suas ilusões, com o tempo perdido com suspiros e sonhos loucos, com a corrida atrás de um tempo que parecia não querer passar, que parecia negar todas as aspirações de um futuro que tardava. Ajuste de contas com um casamento que ou foi apressado e intempestivo ou sem amor e calculado. Ajuste de contas com os ideais perdidos, com as aspirações não realizadas. E a culpa cabe a alguém.

Olavo Bilac traduziu muito bem, em seu soneto "Maldição", tal estado de espírito:

Se por vinte anos, nesta furna escura  
Deixei dormir a minha maldição,  
- Hoje, velha e cansada da amargura,  
Minh'alma se abrirá como um vulcão.

E, em torrentes de cólera e loucura,  
Sôbre a tua cabeça ferverão  
Vinte anos de silêncio e de tortura,  
Vinte anos de agonia e solidão ...

Maldita sejas pelo Ideal perdido!  
Pelo mal que fizeste sem querer!  
Pelo amor que morreu sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem prazer!  
 Pela tristeza do que eu tenho sido!  
 Pelo esplendor do que eu deixei de ser!...

De qualquer forma, a família é como que uma teia de aranha em que o indivíduo se deixa enlear. É uma prisão, mas embala. É uma restrição, mas protege. É uma renúncia que promete um céu.

A mais radical opinião já emitida sobre a família é a de Jesus Cristo no Evangelho: "Os inimigos do homem estão dentro de sua própria casa". Em outras circunstâncias, aliás, o mesmo Cristo já se negara a atender à própria mãe e aos irmãos que o procuravam. "Minha mãe e meus irmãos são vocs todos", disse ele à multidão que o escutava.

O relacionamento do paciente com a sua família é um dos aspectos prioritários no seu atendimento. Do aprofundamento dessa pesquisa, inevitavelmente, irão surgir algumas das principais motivações que o levaram a procurar ajuda junto ao terapeuta. Isto, aliás, não constitui nenhuma inovação, pois é sabido que é do relacionamento do indivíduo com a família que derivam, de um modo geral, as neuroses, em qualquer idade.

### 3.3.2. - Por um novo relacionamento

A questão a ser posta é, evidentemente, a de um novo relacionamento. Esse novo relacionamento não deve ser determinado "a priori" pelo terapeuta que funcionaria como uma espécie de super-ego social a impor ao paciente determinadas atitudes, determinados pontos de vista, como se ele, terapeuta, representasse a sabedoria concentrada da humanidade, a poderosa e incontestável providência.

É do seu trabalho junto com o paciente e não acima do paciente que deverá surgir a nova visão, a nova dimensão que o paciente deverá assumir em sua vida. Não cabe ao terapeuta refazer relações definitivamente comprometidas, recom-

por ligações que nunca existiram verdadeiramente, santificar casamentos e divinizar ascendências e descendências. Tão pouco lhe cabe agir em sentido contrário, isto é, descompor, desfazer, amaldiçoar ou desmitificar. Afinal não se trata de um trabalho de exorcizar, pelo menos no sentido religioso da palavra.

O material resultante do trabalho conjunto terá que ser elaborado conjuntamente. Mas caberá ao próprio paciente escolher o seu caminho. Ele terá que aprender a usar a sua liberdade de escolha, ousar assumir o seu próprio destino, reorientar a sua vida de acordo com os seus mais profundos e verdadeiros anseio

Isto, obviamente, não pode ser realizado do dia para a noite. O paciente não deve ser estimulado a resolver os problemas impulsivamente. Haverá sempre um período de duro trabalho na elaboração de uma nova atitude. É necessário que cada problema seja suficientemente aprofundado, amadurecido, sem o que haverá sempre o perigo de que ele cometa erros tão ou mais graves do que o seu próprio problema atual.

Como em todo trabalho de terapia psicológica o paciente está sempre querendo esconder do terapeuta os seus verdadeiros motivos, sua verdadeira problemática.

Também no trabalho com os velhos é necessário atravessar o período em que o relacionamento com o terapeuta é difícil. Há também a etapa da revolta do paciente contra o terapeuta. Eles também o acusam de não estarem tirando qualquer proveito do tratamento. Considera-se, também, explorado.

Mas, no trabalho com os velhos, atravessadas todas essas etapas já previstas, verificamos que nenhum deles abandonou o tratamento, nenhum deles desapareceu para não mais voltar.

A elaboração de um novo relacionamento com o grupo familiar a que pertencem atravessa, inevitavelmente, várias

fases.

De início, o paciente somente tem palavras para se lamuriar. O terapeuta tem a sua fase de muro das lamentações. Eles são uns pobres desgraçados cercados de males e incompreensões. Não que eles sejam culpados de nada. Ninguém como eles ama seus pais e seus filhos, ninguém como eles foi mais perfeito marido ou esposa, ninguém como eles fez mais sacrifícios, ninguém como eles foi mais desprendido e altruísta. O mundo é um vale de lágrimas e daqueles pelos quais mais nos sacrificamos só podemos esperar ingratidão e desamor.

A conscientização se inicia desde o momento em que o paciente começa a reconhecer que se o mundo é culpado, se as pessoas são culpadas, ele também deve ter uma parte da responsabilidade pelo que aconteceu. Começa a reconhecer que se o mundo é imperfeito, se a vida é injusta, ele também não é perfeito nem, tampouco, é um Salomão distribuindo justiça.

Chegará o momento em que todas as cartas serão postas sobre a mesa. O paciente começa a reconhecer que não é apenas uma alma incompreendida, a vítima de uma conspiração de tiranos, o pobre Job do testamento bíblico.

É, a partir de então, que se inicia a elaboração de uma nova atitude, de um novo relacionamento, de uma mudança que tem de partir do seu interior, de uma redescoberta de si mesmo em novos termos.

Algumas vezes, esse processo funciona como uma espécie de revelação. Pacientes que, praticamente levaram toda uma vida de superfície sem jamais terem se dado ao penoso trabalho de interiorização, começam a descobrir em si mesmo fontes de emoção e de força até então desconhecidos e isso produz uma atitude de compreensão para com as fraquezas alheias que lhe vai servir de muito no trato com os familiares e com as outras pessoas.

Mais adiante tencionamos nos aprofundar sobre a fon

te principal da problemática da velhice. Desejamos, contudo, testemunhar desde já o resultado alcançado em alguns casos com os quais tivemos oportunidade de lidar.

O que consideramos de mais positivo já alcançado com o nosso trabalho foi a mudança radical observada na atitude de alguns pacientes em relação à sua posição diante do mundo. Pacientes que aparentavam uma atitude de total desencanto, que pareciam demissionários da vida, com o decorrer do tratamento resolveram reassumir o destino e até modificá-lo seriamente.

### 3.3.3. - Por uma nova integração

Torna-se possível, a partir do momento em que o paciente começa a reconhecer a sua própria responsabilidade nos acontecimentos de sua vida, o trabalho de elaboração de uma nova forma de integração em seu grupo familiar ou social.

Ele já terá deixado de ser uma simples folha tangida pelo vento. Não que o vento tenha deixado de soprar ou que sua personalidade tenha se tornado invulnerável a todos os outonos. É que a consciência de sua própria posição, a descoberta de sua própria personalidade mais profunda, daí em diante o ajudará a saber resistir melhor aos embates, a considerar que, às vezes, é bom deixar-se levar pela maré.

Quando o paciente descobre que ele precisa mudar, a resistência é inevitável. Ele pondera: De que serve eu mudar se as outras pessoas vão continuar iguais, se o meu marido, se a minha mulher, se o meu filho nem vão tomar conhecimento do meu esforço?

Mas eles acabam descobrindo que o universo é também uma perspectiva de cada um. Se a nossa perspectiva mudar, todo o universo começa a ser percebido de uma forma diferente. Na verdade, as coisas mudam quando nós nos tornamos diferentes. E, inevitavelmente, uma mudança de atitude de nossa parte acaba por acarretar uma mudança de atitude por parte das outras pessoas.

A nova integração será sempre em outro plano. E a perda da inocência, o esforço para mudar alguns hábitos, costumes e a visão da vida não é conseguida sem esforço e sem sofrimento.

A neurose é um sofrimento contínuo. A saída dela é um processo doloroso, seja qual for a idade do paciente.

O que temos observado em nosso trabalho com velhos é, contudo, de molde a nos fornecer uma dose, cada vez maior, de otimismo.

#### 3.4. - O núcleo da problemática psicológica dos velhos

Já dissemos que existe um momento crítico na vida, em que o indivíduo é levado, por uma circunstância única ou por uma sequência de fatos encadeados, a lançar um olhar retrospectivo sobre a realização do seu plano de vida.

Não se trata aqui, já se vê, de um plano de vida realmente elaborado, escrito ou desenhado como o projeto de um edifício. Muitas vezes, o indivíduo nem mesmo sabia que a sua vida tivera, até então, uma sequência. Um plano mais ou menos determinado por uma série de resoluções, de atitudes. Pela escolha entre uma possibilidade ou outra, entre um caminho e outro. Mas, repentinamente, ele começa a examinar a sua vida em função desse plano ideal, desse projeto mais ou menos desordenado que o orientou, às vezes, até mesmo confusamente, numa direção. Na construção de um caráter, de uma personalidade, de uma individualidade. E começa a comparar o que foi realizado com as aspirações de uma juventude entusiasta que achava que o mundo e a vida existiam como moldura para o retrato vivo de um vencedor.

Dessa visão retrospectiva, desse balanço entre as promessas que ele fez a si mesmo e a realidade presente é que, fundamentalmente, nascem as dificuldades psicológicas dos velhos.

É que, repentinamente, ele se volta para toda uma



vida que poderia ter sido e que não foi, conforme já registra Manuel Bandeira em seu poema "Pneumotorax".(1)

Essa constatação desencadeia um processo de ressentimento contra as pessoas que, a ser ver, são responsáveis pelo seu estado de frustração.

O ressentimento é a forma, aparentemente civilizada, aparentemente alicerçada em fatos positivos, que o velho utiliza para atribuir a responsabilidade dos seus problemas aos outros e a mascarar o seu profundo mas inconfessável sentimento de ÓDIO.

E o ódio sabe usar muitos tipos de máscaras. Desde as mais sutis, como a ironia, certas formas de humor, a indiferença, o desprezo, como as formas mais transparentes como o rancor e a cólera, que, às vezes, pode conduzir até mesmo ao homicídio ou ao suicídio.

Mas o ódio, especialmente em países de educação tradicionalmente católica como é o Brasil, chega quase a ser uma palavra praticamente interdita. É mais facilmente empregada na conversação comum, como: - Eu odeio sapatos vermelhos, do que para, honestamente, proclamar: - Eu odeio minha sogra, minha mulher, meu filho, minha nora, minha mãe, ou até mesmo, o inimigo.

" - Mas eu vos digo, perdoai setenta vezes sete". - "Se alguém te bater numa face, oferece-lhe também a outra". Estes ensinamentos são impostos, tanto diretamente, através do ensino religioso, como indiretamente, através de todo um contexto cultural influenciado pelo cristianismo.

Pode ser bom possuir a capacidade de perdoar ofensas. Pode ser até interessante ter paciência para ser esbofetado numa face e voltar a outra para receber outro tapa. Mas não são muitas as pessoas capazes de praticar tais preceitos. A não ser os que forem dotados de um temperamento muito especial. Esperar que alguém ature todas as ofensas e todas as agressões é o mesmo que pregar o domínio do mundo

(1) Poesias - Editora José Olímpio - pg. 178 - Rio - 1955.

pelos ofensores e agressores.

"Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco". Nestes versos Carlos Drummond de Andrade fala da impossibilidade humana de atingir a perfeição do divino Cristo. (1)

O homem comum, este dificilmente perdoa as ofensas, dificilmente oferece a outra face, dificilmente deixa de odiar.

Mas, educado para considerar que não é bem odiar, especialmente aquelas pessoas que se encontram mais perto de si: os parentes, o pai, a mãe, os irmãos e, mais tarde, os que vão se agregando à família, o indivíduo tende a negar esse ódio, a recalcá-lo, a mascarar-lo sob formas mais sutis, mais toleráveis, mais aceitas pelo ambiente que o cerca.

E é esse ódio negado e recalcado que aparece sob a forma de ressentimento, a nosso ver, o núcleo da problemática psicológica dos velhos.

Logicamente, esse ódio, essa repulsa, esse ressentimento contra aqueles que deveriam ser as criaturas mais amadas, os objetos do mais puro afeto, os sacramentados pela religião, pela sociedade e pelos costumes, não pode deixar de provocar um forte sentimento de culpa. E tanto maior esse sentimento de culpa, maior o esforço dispendido para enterrar, para sufocar, para recalcar o ódio.

E esse esforço de sufocação do ódio envolve tamanho domínio da vontade, tão grande mobilização de todas as reservas morais, tal apelo ao super-ego, que o paciente começa a sentir uma série de sintomas, um mal estar que ele, as vezes, atribui a deficiências físicas, mas que não passam de fadigas de uma luta que não pode ter vencedor.

Como ficou dito antes, o cliente, inicialmente, ama

(1) "Fazendeiro do Ar e outras poesias" - pg. 9 - Editora José Olympio - Rio - 1955.

todo o mundo. A mãe foi maravilhosa, o pai um santo, os irmãos encantadores, o marido ou a mulher, o ideal da vida.

Mas, passado o período das suas lamentações durante o qual o cliente desfila todos os seus males e todas suas queixas, o panorama vai mudando. Ele se considera solitário, abandonado, injustiçado, frustrado. E tudo por culpa dos outros.

A ordenação desses sentimentos contraditórios consome algum tempo. Eles trazem para o consultório as idéias desarrumadas, os acontecimentos fora de seqüência, os valores sem hierarquia. São vítimas do destino e das pessoas, às quais, entretanto, se negam, terminantemente, a odiar.

Também se recusam, evidentemente, a reconhecer qualquer responsabilidade pessoal na marcha dos acontecimentos. Era como se a vida estivesse entregue inteiramente às mãos do destino e à vontade de pessoas que se comprazem em prejudicá-los.

O terapeuta, neste momento, assume para o paciente a figura da mãe, diante da qual a criança vai desfiar o seu rosário de queixas. E, durante algum tempo, o terapeuta assume esse papel e vai absorvendo todas as lamentações, ajudando o paciente a lembrar-se de mais agravos, de maiores injustiças. Embala o paciente, despertando, dessa maneira, a sua confiança e ajudando-o a perder o pudor de verbalizar os seus ressentimentos.

Feita esta mobilização, é chegado o momento de conduzir o tratamento para nova etapa e com isso procurar dar início àquilo que, a nosso ver, é o núcleo do tratamento psicológico dos velhos, o que será assunto do nosso próximo ítem.

### 3.4.1 - A elaboração do ódio

O terapeuta tem que ir acompanhando o paciente na conscientização dos seus verdadeiros sentimentos a respeito

daquelas pessoas a quem ele atribui a causa dos seus fracassos, de suas frustrações, de seu desencanto, de seus problemas atuais.

O caminho é o do desapego. Isto é, conscientizar, gradativamente, o paciente, que até aquele momento, transferira para o terapeuta as qualidades de uma mãe idealizada, que ele, terapeuta, não é a figura fantasiada pelo paciente.

Mostrar como o paciente vive como rejeição o término da consulta, da mesma forma como ele se sentira rejeitado, em certos momentos, pela própria mãe. Deixar que o paciente tome consciência de que o terapeuta é também imperfeito, pois, se, por momentos, aceita os problemas do paciente e por eles se interessa profundamente, por outro lado, cobra a consulta e tem outros clientes além dele com quem divide a sua atenção e seu interesse.

É dessa forma que ele chega a provar ao paciente que a relação existente entre os dois possui as mesmas características das relações humanas normais e que podem co-existir nessas relações o amor e a sua outra face: o ódio.

Com o tempo, e o estabelecimento dessa nova relação terapeuta-paciente, os sentimentos que permaneciam soterrados no inconsciente deste, recalçados, banidos, acabam vindo à tona e o paciente acaba por admití-los, por reconhecê-los em si mesmo.

O processo é longo e doloroso. Não é fácil a verificação de que no fundo de si mesmo estava guardado um ódio secreto por aquele ser angélico que era a própria mãe, pela figura sacrificada e austera que foi o pai, pelos irmãos com quem se brincava alegremente na infância, pela mulher com quem se convive há trinta anos, com o marido a quem se adora há tanto tempo.

É chegada a fase da elaboração do ódio, de se descobrir as suas causas, de se reconhecer que ele é justificado, que não é pecado odiar os pais e que isto só conduz aos

infernos quando se deixa que esses sentimentos permaneçam dentro de si mesmo e envenenem a própria vida.

Quando o ódio vem à tona, quando aparece à luz do sol, é possível compreender que, afinal de contas, ele não é tão feio quanto se pintava. Sua carantonha, que assustava no escuro do inconsciente, perde muito da sua capacidade de amedrontar à plena luz.

Agora já se pode passar a limpo muitas fases anteriores da vida. Reinterpretar muitos erros de perspectiva, corrigir muitos julgamentos errôneos.

A elaboração de todos aqueles sentimentos confusos, de todos aqueles preconceitos arraigados, de todos aqueles pensamentos impensáveis vão se constituir numa primeira cartase.

Essa etapa permite ao paciente voltar-se para fora de si mesmo, interrogar e responder a muitos dos seus problemas, libertar-se de uma carga de emoção negativa que vinha sendo cuidadosamente guardada, verbalizar a sua agressividade latente.

É claro que esse processo de reconhecimento em si mesmo de sentimentos não admitidos conscientemente, da dualidade que existe na dupla face amor-ódio, da ambivalência, e do penoso caminho que se tem de percorrer até que tais fatos possam ser encarados e elaborados pelo paciente não são exclusivas da terapêutica psicológica da velhice.

São processos e caminhos verificados em qualquer tipo de neurose e seja qual for a idade do paciente.

O que torna mais difícil a realização do processo com os velhos é que, para eles, a admissão de que se pode amar e odiar ao mesmo tempo, mãe, pai, irmãos marido, mulher, conta com uma barreira maior de preconceitos e crenças arraigados. Inclusive, na geração mais velha, os sentimentos religiosos são muito mais presentes, com todo o seu cortejo de dogmas e de preceitos que lhes foram impostos desde a infân-

cia.

Demais, eles são remanescentes de um mundo mais simpplista em sua maneira de julgar. Um mundo em que o mal e o bem eram tão distintos como o preto e o branco. E todos tinham certezas profundas do que constituía o pecado e a virtude.

Até mesmo, quanto ao aspecto político do mundo, era muito mais fácil distinguir entre o bem e o mal. Para a geração que precedeu à II Guerra Mundial, os bandidos se vestiam a caráter: de camisas pardas e cruzeiros swásticas. E os mocinhos faziam com o indicador e o médio o V da vitória.

O mundo de hoje é muito mais indistinto, muito mais cheio de nuances.

Para os velhos o problema da ambivalência é muito mais difícil de entender.

Tivemos uma experiência típica com uma de nossas clientes, casada há muitos anos e que guardava consigo um terrível ressentimento para com o marido. Vencidas as etapas iniciais do tratamento, ela acabou por confessar que sentira uma grande alegria pelo fato do marido ter sofrido um enfarte. Não foi nada fácil para ela essa constatação. Toda sua formação, todos os princípios adquiridos e toda moral vigente contrariavam essa alegria que, para ela, representara uma desforra, uma vingança pelos sofrimentos que lhe haviam sido inflingidos durante anos. "A vingança é o prazer dos deuses".

Às vezes, esse ódio reprimido se manifesta através de um comportamento sexual auto-repressivo. Uma cliente, também casada há longos anos, afirmou que nunca obtivera nenhum prazer no intercuro sexual com o marido. Esta foi a forma de vingança sutil em uma ligação só aparentemente normal e, até mesmo, consagrada pelas leis e pelos sacramentos religiosos. Não sentindo prazer, ela praticava uma espécie de castração do marido, impotente para fazê-la sentir-se como mulher.

Posteriormente, essa cliente narrou um sonho que simbolizava uma forma de reconciliação, um começo de admissão de que poderia obter satisfação com o ato sexual. Sonhara que estava em uma rua e que começava a escutar, ao longe, os primeiros sons de uma banda de música que se aproximava. Pouco a pouco, a música ia ficando mais perto e, quando a banda chegava ao lugar onde ela se encontrava, ela pôde escutar e deleitar-se com o número que vinha sendo executado, agora a pleno som. Logo a banda se distanciava e os sons iam novamente se tornando mais apagados, até que desapareciam. Esta foi a forma simbólica que ela encontrou para experimentar, ainda em linguagem onírica, o desenvolvimento de um orgasmo.

Em seguida, o paciente deverá ser encorajado a realizar um movimento em sentido contrário. Ele já exorcizou os seus demônios, já expulsou alguns sentimentos parasitários que o amarguravam e o prendiam ao passado de forma negativa.

O movimento no sentido contrário consiste em começar a se aperceber do papel que ele mesmo desempenhou na criação dos seus problemas. Vai ter que começar a ter uma visão crítica de si mesmo.

Não se trata, evidentemente, de voltar o ódio que sentia contra si. Ele já se odiava bastante pelo sentimento de culpa gerado pelo fato de acalentar o ódio contra as pessoas mais queridas. Agora ele vai aprender a se perdoar assumindo todas as responsabilidades que lhe cabem no processo de sua vida.

E é aqui que se inicia a parte realmente construtiva do tratamento. Será desse voltar-se para si mesmo, dessa reelaboração de sua personalidade que dependerá a reconstrução em novas bases de sua vida.

É, também, um processo difícil. Culpar os outros é bem mais fácil do que reconhecer os próprios defeitos. Abandonar uma plataforma segura, do alto da qual se apontava para outros o dedo acusador e construir uma nova plataforma em que as responsabilidades devem ser assumidas, em que a crian

ça antiga que se traz no braços, o adolescente que se carrega como uma sombra têm que ser integrados, esta nova colocação é radical e apavorante.

As resistências são inevitáveis. Os perigos de uma recaída e de tropeços vários devem ser esperados. Assumir a própria liberdade é uma tarefa tão difícil que a humanidade ainda se arrasta na pré-história do homem.

### 3.5. - A reconstrução em outro nível

Trata-se de uma reconstrução em outro nível. É um segundo abandono da "incência". É, de certa forma, provar novamente da árvore da sabedoria. É o desafio aos arcanjos da neurose com suas espadas de fogo e suas ameaças de expulsão.

Uma nossa cliente costumava viver cheia de restrições. Restrições auto-impostas que se manifestavam através de fobias, de impedimentos absurdos, aos quais nunca questionara verdadeiramente.

O começo de sua cura evidenciou-se no dia em que nos participou sua grande façanha: vencera a sua antiga fobia de atravessar pontes fazendo sua própria inauguração da ponte Rio-Niterói.

Sua satisfação tinha razão de ser. Com aquele ato, ela simbolizara a derrota de um medo ancestral ao desconhecido. Ela desvendara o que ficava para mais além. Estabeleceu a sua ponte para com a vida, integrando a sua personalidade numa simbólica fusão.

Um sonho ajudou outro cliente a perceber que o seu processo de libertação e começo de sua cura, estava sendo retardado pelo próprio receio de assumir o seu destino.

Tratava-se de um cliente proveniente do Nordeste, onde os recursos médicos são muito precários, para não dizer que inexistem. Sendo um entre dez irmãos, ao nascer teve uma infecção nos olhos, em decorrência da qual ficou nove me-



ses de olhos fechados, como cego.

Já estava há oito meses no tratamento e não acusava nenhuma melhora. Nessa ocasião, teve que se submeter a uma pequena intervenção cirúrgica. Quando da anestesia, sonhou que não havia sido anestesiado e que ia ao hospital para saber o resultado de um diagnóstico. A médica de plantão ia procurar o diagnóstico e se demorava. Por esta razão, o paciente perdia uma viagem que ia fazer à Europa.

A interpretação do sonho deu-lhe a chave de seu próprio comportamento. Ele se recusava, já há oito meses, a abrir os olhos, embora já não tivesse mais nenhuma inflamação que o impedisse. Ao consultar a médica de plantão, esta não estava perdendo nenhum tempo, porquanto se encontrava dentro do expediente normal. Apenas ele, o paciente, é que perdera a viagem à Europa. Assim é que, enquanto ele se recusasse à melhora, à cura, estaria perdendo sua viagem à Europa, sua participação mais rica na vida, seu conhecimento de outras terras, de novos caminhos a desbravar.

Quando o paciente realiza o processo de balanço de sua própria vida, agora levando em conta a sua própria participação, a sua própria margem de erros, quando reconhece que ele também foi, muitas vezes, egoísta, muitas vezes indiferente, muitas vezes desatento, muitas vezes avarento de carinho para com os outros, muitas vezes cruel, muitas vezes infiel, muitas vezes covarde, muitas vezes impaciente, muitas vezes prepotente, muitas vezes implacável, muitas vezes injusto, muitas vezes ávido, muitas vezes desestimulante, muitas vezes impositivo, muitas vezes parco em dar amor, muitas vezes exigente, muitas vezes esqueceu amigos, muitas vezes deixou de ajudar necessitados, muitas vezes conivente com injustiças e, muitas vezes, sórdido por interesse, neste momento, ele está a caminho de uma reconstrução em outro nível.

Pode, e quase sempre é, um caminho longo e difícil. Mas muitos estão dispostos a tentar. Porque, no final de tudo, está a esperança. E, repetimos com G. Bermann: "Enquan-

to há esperança, há vida".

Outro paciente encerra em sua problemática vários aspectos que vale a pena ressaltar. Trata-se de um caso com plexo em que se soma ao ressentimento todo um conjunto de circunstâncias culturais a enriquecer a sua tipicidade. É justamente essa soma de fatores que se deve destacar para que fique demonstrado, mais uma vez, que àqueles aspectos que a ortodoxia analítica considera como únicas causas da neurose deve-se sempre adicionar outras circunstâncias de ordem cultural, histórica e social, para melhor compor o quadro clínico e, conseqüentemente, situar com clareza a problemática do paciente.

A paciente nasceu no Leste europeu, de religião israelita, tendo um nível cultural bastante alto. Tem, no seu passado, um período de intensa atividade política.

Imigrando para o Brasil, juntamente com a sua mãe, aqui se casou com um homem de nível intelectual e social bem inferior ao seu.

Desse casamento resultaram dois filhos sobre quem pode ela colocar todo o seu sentimento amoroso. Mas o tempo corre, as mães podem morrer, os filhos tendem a crescer, a solidão pode acontecer, o companheiro pode também ser levado pela morte.

E a mãe e o marido morreram. E os filhos casaram com mulheres não judias. Uma série de circunstâncias iniciadas por fatores políticos, que determinaram o seu desenraizamento do solo natal, transplantaram-na para um país de hábitos e costumes culturais inteiramente diversos do seu e onde o comportamento normal familiar e religioso foi quebrado.

No início do tratamento, sua atitude era de enorme desânimo, de terrível ressentimento, da certeza de que era perseguida pelo destino, pelos maus fados, de que o seu amor tinha sido mal empregado, de que tudo conspirava para torná-la triste, solitária, infeliz.

Havia muita dificuldade de comunicação. A paciente falava muito pouco, negava-se a estabelecer qualquer tipo de relação. Parecia apavorada com a possibilidade de estabelecer novas ligações, inclusive a de cliente-terapeuta.

Tratava-se, evidentemente, de um típico caso a ilustrar as observações que já fizemos anteriormente sobre o comportamento neurótico de pessoas idosas. O ressentimento, aquela forma de ódio não expressa, dirigida contra aquelas pessoas a quem a paciente mais amava e que, por isso mesmo, negava-se a admitir até perante si mesma.

O trabalho desenvolvido por nós foi sempre o de estimular a paciente a expressar as suas queixas, desabafar as suas amarguras, situar-se, enfim, dentro de sua problemática.

De início e durante algum tempo, não obtivemos muito êxito em nosso trabalho. A paciente continuava obstinada em seu quase mutismo. Vez por outra, deixando transparecer alguns dos sentimentos que a obcecavam, mas defendendo-se va lentamente, hostil, agressiva, algumas vezes, sarcástica.

O nosso trabalho continuou, porém, sempre perseguindo a mesma finalidade: fazer com que a paciente estabelecesse uma relação em que fosse possível a elaboração do material resultante.

A primeira revelação da paciente veio através de uma carta, escrita às 4 horas da madrugada:

"3 dias já estou em casa, só saí de manhã, às duas estou de volta. Mandei o porteiro dizer que não estou para ninguém. Sei que essa solidão é muito perigosa mas não tenho vontade para nada. Para lhe poupar o tempo de perguntar é mais fácil para nós duas que eu escreva, porque me atrapalho na conversa e muitas vezes não digo o que quero. Infelizmente é muito trágico que a própria mãe deve acusar seus filhos e isso me dá desgosto e vergonha. Meu mundo é minha infelicidade e só em volta deles. Quando era nova tive ideologia, quer dizer que o mundo era grande e podia me dividir. Depois perdi a

confiança em socialismo e o meu mundo estreitou-se. Mamãe e meus filhos. Trabalho nunca me abalou. Agora esse mundo também se foi. Virei uma figura tragi-cômica. Cômica, rio sem sentido quando tudo dentro de mim chora. Praticamente não sei mais o que quero. Se quero sumir, isso é verdade. Lenine falou para Rosa Luxemburgo que águia pode andar no chão como galinha mas a galinha nunca se levantará na altura da águia. Eu quise sempre ser águia mas cortaram minhas asas e no meio do vôo caí. Isto desde criança até agora. Queria pelo menos que meus filhos fossem águias. Mas não são. São simples galos e nada mais. Sexta-feira David veio me visitar. Ele não teve coragem de responder quando perguntei quem era. Abri a porta. Entrou, sentou, mas não senti nada. Nem alegria, nem dor, nem amor. Francamente eu procuro me desligar espiritualmente deles. Esses seres humanos que se desligaram naturalmente do meu corpo eram meus sonhos. Hoje estou me forçando a arrancá-los do meu espírito. Nossa conversa era lacônica e depois de poucos minutos foi embora. Beijou-me nas faces mas não teve sentido que é meu filho. Parecia coisa de longe, sem realidade, sem explicação. Depois chorei na cama, sem saber porque. As lágrimas correram a vontade. Domingo fui na sepultura da minha mãe, único lugar que me sinto familiar. Fiquei lá mais de uma hora chorando e chamando Mamãe. Lá está enterrada minha mãe. Aquela águia que estava em pé quando fechou os olhos. Desculpe que lhe chateie com carta tão longa, mas para não lhe encher assim eu escrevo, Chalom."

Após essa primeira manifestação, essa primeira confissão, realizada em horas tardias, resultado de um trabalho paciente que já parecia até mesmo ineficaz, a relação cliente-terapeuta foi lentamente se estabelecendo. Sempre com muita hostilidade, muita ironia, por parte da paciente que, aparentemente, continuava se negando a confiar no terapeuta.

Mas já havia um início de diálogo, os primeiros si

nais de que se estava desenvolvendo um novo tipo de relacionamento. Tudo, já agora, fazia prever que, mais cedo ou mais tarde, a paciente resolveria abandonar o seu sistema defensivo, permitindo que o nosso trabalho pudesse se desenvolver em melhores bases.

A nova revelação veio através de uma produção literária da paciente e que traduzia muito bem o seu estado de espírito:

"Você já amou como eu amei?  
 Você já chorou como eu chorei?  
 Você já cantou como eu cantei?  
 Por isso tudo me esvaziei.  
 Você já correu nas florestas como eu?  
 Brincando, pensando que o mundo é meu?  
 Abraçando as flores e árvores com carinho?  
 Isso era meu mundo, meu querido sonho.  
 Essa alegria. Eu era a menina da floresta.  
 Agora estou cansada, sem lugar para continuar.  
 Você me desculpe, não posso mais falar."

Interpretamos essa poesia como a confirmação do mito da infância feliz, daquele olhar para trás de uma outra idade e poetizar o que passou, em comparação com a realidade atual. A menina da floresta agora está cansada, sem consolo, sem lugar para continuar. (Nota-se que a imagem menina da floresta denota toda uma formação, toda uma vivência em país europeu e relembra a lenda do chapeuzinho vermelho, tão cara às fantasias infantis). E novamente se cala, não pode mais falar. Toda a riqueza de uma vida parece ter sido perdida. Tudo se fechou para ela. E de quem a culpa?

O ressentimento está instalado. E, já agora, expresso em forma poética. Densa, compacta em seu simbolismo.

Mas até aqui os fatos ainda não estão explícitos. Os símbolos ainda não se positivaram.

Entretanto, o terapeuta já dispõe de um volume de

material que permite a realização de um trabalho de elaboração do ressentimento. A relação paciente-terapeuta já se estabeleceu. Uma nova etapa é iniciada. No decorrer dessa elaboração do material já conseguiu a paciente alcançar uma liberdade maior para falar sobre seus problemas.

É então que surge uma nova poesia:

"MEU JARDIM"

Duas mudas no meu jardim plantei.  
 Com todo carinho eu as cuidei.  
 Contra os ventos, chuvas e calor,  
 Com tremor no coração e grande amor.  
 Cresceram retas, com cabeça erguida.  
 Braços esticados para alcançar as vidas.  
 Com folhas verdes, flores rosadas.  
 Acompanhei feliz minhas mudas queridas.  
 O tempo passou. Meu jardim murchou ...  
 A vida os afastou. Jardineira sobrou.  
 Nada pode estacionar!  
 Preciso acalmar minha dor.  
 Não me deixar abalar.  
 Botar um veto no meu amor.

O simbolismo aqui já é evidente. As roseiras plantadas foram os filhos que cresceram e se foram e a jardineira ficou só. Note-se que, a princípio, falando das roseiras ela sempre empregou os artigos no feminino. No verso "a vida os afastou", contudo, o artigo passa para o masculino. Um lapso que torna ainda mais evidente o simbolismo.

Aquí a paciente já começa a admitir o grande ressentimento que a dominava por ver que se afastavam do seu domínio os dois rebentos plantados e criados por ela. E termina o poema aconselhando-se a "botar um veto no meu amor" ... Embora reconheça que "nada pode estacionar", sente-se frustrada em sua tentativa de impedir que cada vida tome seu destino próprio. E com isso demonstra o medo que tem à sua pró

pria liberdade, medo de assumir o seu próprio destino independente daqueles que queria subjugar, ao mesmo tempo se subjugando.

O relacionamento paciente-terapeuta, já, então, se tornou bem mais fácil. A paciente já começa a discriminar os seus sentimentos "pecaminosos". Seu egoísmo, seu ódio, seu ressentimento.

Nova fase instalou-se com uma colaboração real, por parte da paciente, e o processo já descrito em páginas anteriores, nas suas várias etapas e que culminam na elaboração do ódio, ponto crítico na psicoterapia da velhice.

Surge, então, nova produção literária, já apresentando uma "abertura", um início de aceitação da vida, uma atitude mais otimista em relação ao mundo, uma mensagem de esperança no futuro:

### PASSAROS

Os pássaros estão chilreando,  
O dia começa a raiar.  
Eu estou na janela, olhando,  
Eles vem me cumprimentar.

Voam, cantam para mim.  
Entendem meu triste olhar.  
Talvez saibam porque olho assim  
E vem me alegrar.

Como vocês são solidários.  
Nós humanos não somos capazes.  
Vocês amam e são amados  
Por isso são tão felizes.

Também sei brincar, cantar.  
Junto com vocês queria ser.  
Mas eu não sei voar.  
Isso me faz sofrer.

Vocês voam pelas florestas e mares.  
Sem países, sem fronteiras.  
Batam com azinhas nos ares  
Parem em todas as terras.

Me resta a vocês invejar.  
Eu só e presa.  
Nunca deixarei de vos amar.  
Sofro de amargura e desespero

Venham me dizer, bom dia!  
Não me abandonem por favor!  
Eu espero vocês todos os dias.  
Com ternura e amor.

O simbolismo das roseiras transmudou-se em passá - ros. Ela já aceita que os filhos voem, que tenham perdido o medo de voar. Contanto que venham lhe dizer bon dia. Com is so ela já começa, também, a iniciar un processo de liberta - ção, se desprende, aos poucos, dos laços que a prendiam for - temente à neurose, já começa a elaborar para si mesma, um no vo destino. Pois os "espera todos os dias, com ternura e a - nor".



(48)

#### 4 - CONCLUSÕES

Caracterizado o ressentimento, forma dominante do ódio, mediante o qual o velho volta-se para um passado de frustrações, e atribui a culpa de todos os seus sofrimentos atuais à responsabilidade de outros, sejam eles pais, irmãos, marido, mulher ou mesmo alguém que tenha ocupado um lugar de grande significação em sua vida, ainda se apresentam outros sentimentos e atitudes decorrentes daquele núcleo básico de agressividade reprimida.

E estes se revestem de formas diversas, através das quais, o paciente assume a sua intranquilidade, respaldando-se, contudo, de conscientizar aqueles impulsos e sentimentos que teme admitir em si mesmo. Algumas das atitudes de rigidez, muito comuns aos velhos, não são mais do que máscaras e desculpas lógicas em que se refugiam para se negarem a ver-se tais quais realmente são. Alguns conseguem levar essa representação até o fim. As figuras austeras, os varões imolutos, as matronas virtuosas de que falam os necrológicos.

A seguir, registramos algumas dessas atitudes mais características dos velhos:

- A parada no tempo - Viver nos primeiros anos do século, com os hábitos e costumes de então. Não suportar a moda e os costumes atuais.

- A Alienação - Deixar de participar do mundo, desinteressar-se do que se passa em redor. Não compreender os filhos nem os netos.

- O Apego - O apego à casa que os outros venderam, às jóias que estão no cofre, aos móveis, aos quadros, à biblioteca.

- A saudade do tempo que nunca existiu - Falar da infância feliz, da juventude despreocupada, da mocidade alegre. De tudo o que não existiu e que só existe agora, re -

trospectivamente.

- O sentimento de perda - Foi importante no seu tempo. Perdeu a fortuna ou a posição. O filho único morreu. Não casou com a mulher ou o homem que amava.

- O sentimento de inutilidade - Já não serve mais para nada. Os filhos já estão criados. É um peso para os outros e para si.

- A dependência - Vive na casa da nora, do genro. Não tem renda própria, nem aposentadoria.

- A solidão - Vive sozinha com uma empregada. Não tem mais amigos. Os filhos não visitam.

- A frustração dos ideais - Deixou de ser juiz de direito, artista de teatro, escritor, pintor.

- O arrependimento tardio do sacrifício - Sacrificou-se no casamento para salvar a família. Não casou para cuidar da mãe doente. Criou o irmão mais novo que nem lhe dá mais atenção.

- O desespero da perda da fé - Não acredita mais no céu nem na outra vida. Vai morrer e não tem outra chance de recomeçar.

- O medo da morte - A amiga morreu de câncer. O irmão teve um enfarte. Ter de encarar a idéia da morte.

Estas são algumas das atitudes e dos sentimentos - mais correntes entre os velhos, muitos deles, resultado de um enfoque distorcido na maneira de encarar os fatos durante longos anos.

É no decorrer do trabalho clínico que eles vão surgindo, alguns ligados a fatos e acontecimentos reais, dos quais se valem os pacientes para explicar o seu estado atual.

Mas é no aprofundamento da relação terapêutica que as causas reais surgem, que o ressentimento e o ódio acabam por se manifestar e o processo de elaboração do ódio pode ser

iniciado.

De tudo que procuramos expor até agora, podemos extrair as seguintes conclusões:

1. O aumento da expectativa de vida vem crescendo, principalmente, a partir do início do século XX, em virtude dos progressos da medicina, das transformações ocorridas no mundo com a diminuição das horas de trabalho, na melhoria do nível de vida de vastas camadas das populações, no incremento do lazer, melhores hábitos alimentares e higiênicos. É previsto que, até o ano 2.000, o número de pessoas com 50 anos ou mais atingirá cerca de metade da humanidade.

2. Não existem provas de que as pessoas com mais de 40 anos tenham adquirido uma rigidez mental e emocional que as impossibilitem de realizar mudanças em sua personalidade através de um tratamento psicológico adequado.

3. As rápidas transformações por que passa atualmente o mundo com as mudanças verificadas nos costumes, nas crenças, nos ideais e na forma de viver tendem a criar um número, cada vez maior, de indivíduos afetados por essas mudanças, perplexos diante de uma realidade que não sabem explicar e, dessa forma, ansiosos, confusos, neuróticos.

4. Logicamente, as que são mais afetadas pelas mudanças são justamente as que, chegando à meia idade, vêm desabar sobre as próprias cabeças um universo construído ao longo dos anos e que não mais funciona dentro dos parâmetros admitidos.

5. A psicologia e a psicanálise, inevitavelmente, terão de ser mobilizadas para o atendimento desses casos, cada vez mais indicados à psicoterapia.

6. Há um despertar na consciência dos povos para os

problemas de certas minorias e, até mesmo, de todo um sexo para a marginalização a que vinham sendo submetidos: As minorias raciais e sexuais, as mulheres, com as restrições que ainda sofrem em grande parte do mundo e os velhos. Não é por outro motivo que se vê desenvolver, ultimamente, toda uma bibliografia a tratar da problemática dessas minorias.

7. O rejuvenescimento é matéria de estudo sério e científico, como tem, também, sido objeto de exploração e crendices. De qualquer forma, é um testemunho de que a problemática da velhice é motivo de preocupação cada vez maior.

8. As descobertas da psicanálise e o seu desenvolvimento, desde os trabalhos pioneiros de Sigmund Freud até os dias de hoje, colocaram à disposição da psicoterapia instrumentos os mais eficientes para o tratamento de determinados distúrbios da mente humana, causa de sofrimentos em, praticamente, todas as idades.

9. No trabalho que estamos desenvolvendo, no atendimento de pessoas idosas, pudemos verificar que, essencialmente, a problemática da neurose nos velhos não apresenta diferenças básicas em comparação com os de outras idades. Isto, pensamos ter demonstrado, na medida do possível, em nossas conclusões nas páginas anteriores.

Nosso presente trabalho é uma tentativa de contribuir, de alguma forma, para o estudo e desenvolvimento da psicoterapia da velhice.

E, como justificativa para a sua elaboração, retiramos o seguinte ensinamento do Livro do Bom Conselho, O HI-TOPADEXA, dos hindus: "Coitado daquele que, por temer o fracasso, nada começa".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Adler, Alfred - A Ciência de Viver - Rio de Janeiro - Livraria José Olympio Editora, 1956.
- 2- Amaral, Luiz - As Américas antes dos Europeus - São Paulo - Cia. Editora Nacional, 1946.
- 3- Amoroso Lima, Alceu de - Idade, Sexo e Tempo - Rio de Janeiro - Livraria José Olympio Editora, 1938.
- 4- Aristófanes - Comédias - Valência - Editora Prometeu(s.d.)
- 5- Aristóteles - A Ética - São Paulo - Atena Editora, 1940.
- 6- Balzac, Honoré de - O Tio Goriot - Rio de Janeiro - H. Garnier, 1901.
- 7- Beauvoir, Simone de - A Velhice, A Realidade Incômoda - São Paulo-Difusão Européia do Livro, 1970.
- 8- Bermann, G. (compilador) - La Psicoterapia de la Niñez a la Senectud - Buenos Aires - Editorial Paidós, 1971.
- 9- Bíblia Sagrada - Tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo - Londres, Lisboa e Rio de Janeiro - Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, 1939.
- 10- Bion, W. R. - Os Elementos da Psicanálise - Rio de Janeiro - Zahar Editores, 1966.
- 11- Blavatsky, H. P. - As Origens do Ritual na Igreja - São Paulo - Editora Pensamento, 1972.
- 12- Borba, Tomás (e) Graça, Fernando Lopes - Dicionário de Música - Lisboa - Edição Cosmos, 1962.

- 13- Braudel, Fernando - Civilização Material e Capitalismo  
Lisboa - Edição Cosmos, 1970.
- 14- Camus, Albert - El Mito de Sísifo - Editorial Losada S.A.  
Buenos Aires, 1953.
- 15- Cícero - A Velhice e a Morte - A Arte de Viver Ensinada  
pelos Clássicos - São Paulo - Cultrix, 1962.
- 16- Clendening, Logan - O Romance da Medicina - Rio de Ja -  
neiro - Livraria José Olympio Editora, 1943.
- 17- Croiset, A. - As Democracias Antigas - Rio de Janeiro -  
Livraria Garnier, 1923.
- 18- Crouzet, Maurice (Direção de) - História Geral das Civi  
lizações. Tomos 1, 2, 3, 4 e 5. O Oriente e a Gré-  
Antiga, Roma e seu Império. - São Paulo - Difusão  
Européia do Livro, 1960.
- 19- Diálogos nº 1 e nº 4 - A Explosão Urbana - A Problemáti  
ca do Planejamento Urbano - Rio de Janeiro, 1970 e  
1971.
- 20- Druon, Maurice - As Grandes Famílias - São Paulo - Difu  
são Européia do Livro, (s.d.).
- 21- Durant, Will - A Filosofia da Vida - São Paulo - Compa  
nhia Editora Nacional, 1939.
- 22- Durant, Will - História da Civilização - 1ª, 2ª, 3ª e  
4ª partes: Nossa Herança Oriental, A Vida na Gré -  
cia, Cesar e Cristo e A Idade da Fé - São Paulo -  
Companhia Editora Nacional, 1942, 1943, 1946, 1955.

- 23- Enciclopédia Abril - Geriatrics (verbete) - São Paulo - Abril Cultura S.A., 1972.
- 24- Engels, F. - A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado - Rio de Janeiro, Editorial Calvino, 1944.
- 25- Esquilo - Tragédias - Buenos Aires - Editorial Losada, 1939.
- 26- Eurípedes - Tragédias - Buenos Aires - Libreria El Ateneo, 1951.
- 27- Fatone, Vicente - Introduccion al Existencialismo - Editorial Columbia, Buenos Aires, 1957.
- 28- Faure, Elie - História del Arte - Buenos Aires, Editorial Poseidon, 1944.
- 29- Filloux, J. C. - O Inconsciente - São Paulo - Difusão Européia do Livro, 1966.
- 30- Foulquié, Paul (e) Deledalle, Gerard - A Psicologia Contemporânea - São Paulo - Companhia Editora Nacional, 1939.
- 31- Fosse, Brian M. (e) outros - Novos Horizontes da Psicologia - Lisboa - Editorial Ulisseia, 1968.
- 32- Frankfort, H. e H. A. (e) Wilson, J.A. (e) Jacobsen, T. (e) Irwin, W.A. - El Pensamiento Prefilosofico - Egipto y Mesopotamia - Los Hebreos - México - Fondo de Cultura Economica, 1954.

- 33- Frazer, Sir James George - La Rama Dorada - México - Fondo de Cultura Econômica, 1956.
- 34- Freitas Junior, Octávio de - Pavlov Vida e Obra - São Paulo - Empresa Gráfica Carioca, 1966.
- 35- Freud, Sigmund - Moisés y la Religión Monoteísta - Buenos Aires - Editorial Losada, 1960.
- 36- Freud, Sigmund- Totem e Tabu - Rio de Janeiro - Editora Guanabara, 1934.
- 37- Fromm, Erich - A Linguagem Esquecida - Rio de Janeiro - Zahar Editores, 1962.
- 38- Gard, Roger Martin Du - Os Thibault - Porto Alegre - Editora Globo, 1946.
- 39- Gibbon, Edward - The Portable Gibbon - The Decline and Fall of the Roman Empire - New York - Viking Press, 1955.
- 40- Goberdian, H. Gordon - Einstein o Criador de Universos - Rio de Janeiro - Livraria José Olympio Editora, 1946.
- 41- Grene, Marjorie - El Sentimiento Tragico de la Existencia - Aguilar S.A. de Ediciones - Madrid, 1955.
- 42- Gide, André - Os moedeiros Falsos - Rio de Janeiro - Casa Editora Vechi, 1956.
- 43- Groethuysen, Bernard - Antropologia Filosófica - Buenos Aires - Editorial Losada S.A., 1951.



- 44- Gumpert, Martin - Você é mais moço do que pensa - Porto Alegre - Editora Globo, 1946.
- 45- Guntrip, Harry - A Cura da Mente Enferma - Rio de Janeiro - Zahar Editores, 1967.
- 46- Heidegger, Martin - Kant y el Problema de la Metafísica - Fondo de Cultura Economica - Mexico, 1954.
- 47- Heidegger, Martin - Conferências e Escritos Filosóficos - Abril Cultural - São Paulo, 1973.
- 48- Heimsoeth, H. - La Metafísica Moderna - Manuales de la Revista de Occidente - Madrid, 1949.
- 49- Heinemann, Fritz - Está Viva o Muerta la Filosofia Existencial? - Revista de Occidente - Madrid, 1956.
- 50- Heller, Louis-Lucien - As Idades do Homem - Porto - Editora Educação Nacional, 1954.
- 51- Hipócrates - Aforismos e Sentencias - Buenos Aires - Editora Tor, (s.d.).
- 52- Holanda, Aurélio Buarque de - Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - 9ª Edição - Rio de Janeiro - Editora Civilização Brasileira, 1951.
- 53- Homero - Iliada - São Paulo - Atena Editora (s.d.).
- 54- Homero - Odisséia - São Paulo - Atena Editora (s.d.).
- 55- Horney, Karen - El Nuevo Psicanalisis - Mexico - Fondo de Cultura Económica, 1957.

- 56- Hornstein, Lillian Herlands (editor) - The Reader's Companion to World Literature - New York - New American Library, 1956.
- 57- Huxley, Aldous - Também os Cisnes Morrem - Porto Alegre - Editora Globo, 1942.
- 58- Jeanson, Francis - Sartre por ele próprio - Portugália Editora - Lisboa, 1965.
- 59- Jolivet, Régis - As Doutrinas Existencialistas - Livraria Tavares Martins - Porto, 1953.
- 60- Jornal do Brasil - O Aprendizado da Velhice - Rio de Janeiro, 21/8/1974.
- 61- Jornal do Brasil - Previdência dá a Velhos mais Ajuda - Rio de Janeiro, 17/8/1974.
- 62- Jung, C. G. - Fundamentos de Psicologia Analítica - Petrópolis - Editora Vozes Ltda., 1972.
- 63- Jung, C. G. - Tipos Psicológicos - Buenos Aires - Editorial Sudamericana, 1943.
- 64- Kayserling, Conde H. de - Figuras Simbólicas - Buenos Aires - Biblioteca Las Grandes Obras, 1926.
- 65- Kierkegaard, Sören - O Desespero Humano - Livraria Tavares Martins - Porto, 1947.
- 66- Klein, Melanie (e) outros - Desarrollos en Psicanálisis - Buenos Aires - Editorial Paidós - 1967.

- 67- Kubie, Lawrence S. - Teoria e Prática da Psicanálise - Lisboa - Livros do Brasil, 1966.
- 68- Lafer, Horácio - Tendências Filosóficas Contemporâneas - Cia. Editora Nacional - São Paulo, 1950.
- 69- Lafitte, Victor (e) outros - Crítica da Psicanálise - Mimeografado (s.d.).
- 70- Lantier, Raymond - A Vida Pré-Histórica - São Paulo - Difusão Européia do Livro, 1958.
- 71- Lentsman, J. - A Origem do Cristianismo - São Paulo - Editora Fulgor, 1963.
- 72- Lenz, Joseph - El moderno Existencialismo Aleman y Frances - Editorial Gredos - Madrid, 1955.
- 73- Loon, Hendrik Willen Van - A História da Bíblia - São Paulo - Companhia Editora Nacional, 1945.
- 74- Luypen, W. - Fenomenologia Existencial - Ediciones Carlos Lohlé - Buenos Aires, 1967.
- 75- Lyotard, J. F. - A Fenomenologia - Difusão Européia do Livro - São Paulo, 1967.
- 76- Marcuse - Herbert - Eros e Civilização - Uma crítica filosófica ao pensamento de Freud - Rio de Janeiro - Zahar Editores, 1968.
- 77- Maritain, Jacques - O Pensamento Vivo de São Paulo - São Paulo - Livraria Martins Editora, 1953.

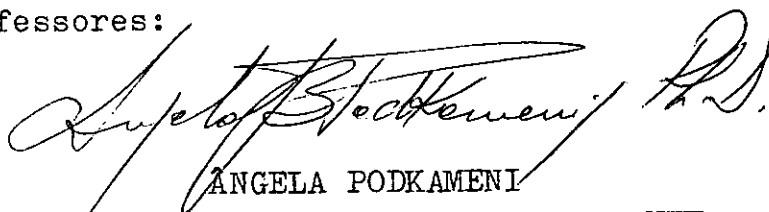
- 78- Martin - Santos, Luis - Libertad, Temporalidad y Trans-  
ferencia en el Psicoanálisis Existencial - Editorial  
Seix Barral S.A. - Barcelona, 1964.
- 79- Melatti, Júlio Cezar - Índios do Brasil - Brasilia - Co  
ordenadora Editora Brasilia, 1970.
- 80- Merleau-Ponty, Maurice - Existencialismo e Marxismo - E  
ditorial Deucalion - Buenos Aires, 1954.
- 81- Metastásio (e) Goldoni (e) Alfieri - Obras Primas do Te  
atro Italiano - Lisboa - Cosmos, 1944.
- 82- Molière - Obras Completas - Madrid - Aguilar S.A., 1965.
- 83- Morazé, Charles - Os Burgueses à Conquista do Mundo -  
Lisboa - Edições Cosmos, 1965.
- 84- Morente, Manuel Garcia - Lecciones Preliminares de Filo  
sófia - Editorial Losada, S.A. - Buenos Aires, 1948.
- 85- Moustakas, C. E. - Psicología Existencial - Ediciones -  
Morada - Madrid, 1966.
- 86- Muller, F. L. - A Psicologia Contemporânea - Lisboa - Pu  
blicação Europa-América, 1964.
- 87- Osborne, Reuben - Psicanálise e Marxismo - Rio de Janei  
ro, Zahar Editores, 1966.
- 88- Pessoa, Fernando - Obra Poética - Editora José Aguilar  
Ltda. - Rio de Janeiro, 1960.
- 89- Pinsky, Jaime - 100 Textos de História Antiga - São  
Paulo - Editora Hucitec, 1972.

- 90- Platão - A República - Rio de Janeiro - Edições de Ouro, 1970.
- 91- Plauto (e) Terêncio - A Comédia Latina - Porto Alegre - Editora Globo, 1952.
- 92- Plutarco - Vida dos Homens Ilustres - Tomo 1º - São Paulo - Editora das Américas, (s.d.).
- 93- Ponce, Anibal - Problemas de Psicologia Infantil - Buenos Aires - J. Hector Matera Editor, 1951.
- 94- Revista de Cultura Vozes nº 9 - Nostalgia, Nostalgia - Petrópolis - Editora Vozes Ltda., 1973.
- 95- Rosenthal, Hattie R. - Psychotherapy for the Aging- New York - American Journal of Psychotherapy, vol. XIII, nº 1, January, 1959.
- 96- Sartre, Jean-Paul - A Imaginação - Difusão Européia do Livro - São Paulo, 1964.
- 97- Sartre, Jean-Paul - As Palavras - Difusão Européia do Livro - São Paulo, 1964.
- 98- Sartre, Jean-Paul - Questão de Método - Difusão Européia do Livro - São Paulo, 1966
- 99- Sartre, Jean-Paul - O Existencialismo é um Humanismo - Abril S.A. Cultural - São Paulo, 1973.
- 100- Seneca, L. Aneu - Obras - São Paulo - Atena Editora, 1961.

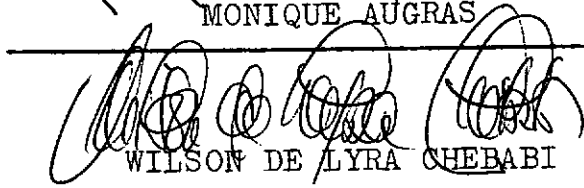
- 101- Schaff, Adam - Marxismo e Existencialismo - Zahar Editores - Rio de Janeiro, 1965.
- 102- Shakespeare, William - Obras Completas - Madrid - Aguilar S.A., 1949.
- 103- Silva Melo, A. da - Ilusões da Psicanálise - Rio de Janeiro - Civilização Brasileira, 1967.
- 104- Sofocles - Tragédias - Madrid - Aguilar S.A., 1959.
- 105- Tribuna da Imprensa - Câmara Proíbe qualquer discriminação de idade. Rio de Janeiro - 15/8/1974.
- 106- Van der Berg, J. H. - O Paciente Psiquiátrico - Esboço de Psicopatologia Fenomenológica - Editora Mestre Jou - São Paulo - 1966.
- 107- Vários - Poesia Grega e Latina - São Paulo - Cultrix, - 1964.
- 108- Vercors - Nos Confins do Homem - São Paulo - Difusão Européia do Livro, 1956.
- 109- Vilasboas, Maria da Penha - Didática e Epistemologia - São Paulo - Editorial Grijalbo Ltda., 1969.
- 110- Wahl, J. - Las Filosofias de la Existencia - Vergara Editorial - Barcelona, 1956.
- 111- Wells, H. G. - A Ciência da Vida - O Nosso Corpo, Vol.1 Saude, Doença e o destino do homem, vol. IX - Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1940.

- 112- Wilde, Oscar - De Profundis - Minha Livraria Editora -  
Rio de Janeiro, 1938.
- 113- Yutang, Lin - A Importância de Viver - Porto Alegre - E  
ditora Globo, 1963.
- 114- Zweig, Stefan - Ocaso de um coração - Rio de Janeiro -  
Irmãos Pongetti Editores (s.d.).

Tese apresentada aos Professores:

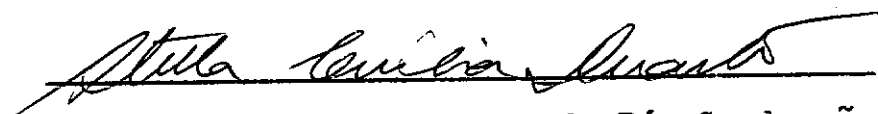
  
ANGELA PODKAMENI

  
MONIQUE AUGRAS

  
WILSON DE LYRA CHEBABI

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, janeiro de 1975

  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia e  
Ciências Humanas